

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

IANN PINHEIRO CHUFFI

**DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA:
SÍMBOLOS-BRASIL COMO INSTRUMENTO DE
INTERNACIONALIZAÇÃO DO PAÍS**

BAURU

2016

IANN PINHEIRO CHUFFI

**DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA:
SÍMBOLOS-BRASIL COMO INSTRUMENTO DE
INTERNACIONALIZAÇÃO DO PAÍS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Exatas e Sociais Aplicadas como parte
dos requisitos para obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais, sob
orientação da Prof^a. Ma. Roberta Cava.

BAURU
2016

Chuffi, Iann Pinheiro

C55937d

Diplomacia Cultural Brasileira: Símbolos-Brasil como Instrumento de Internacionalização do País / Iann Pinheiro Chuffi. -- 2016. 72f.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Bossa Nova. 2. Construção de Brasília. 3. Identidade e Cultura Brasileira. 4. Diplomacia Cultural. 5. Símbolos Nacionais. I. Cava, Roberta. II. Título.

IANN PINHEIRO CHUFFI

**DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA: SÍMBOLOS-BRASIL COMO
INSTRUMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO PAÍS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof^a. Ma. Roberta Cava.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Ma. Roberta Cava
Universidade Sagrado Coração

Prof^a. Dr. Beatriz Sabia Alves
Ferreira Universidade Sagrado
Coração

Prof. Me. Fábio José de Souza
Universidade Sagrado Coração

Dedico aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, meus pais, Alberto Jorge Chuffi e Miriam Sônia Pinheiro, que sempre me incentivaram durante minha jornada acadêmica, acreditando em mim e no meu potencial. Também aos docentes que tive, pois sem eles seria difícil concluir esta importante etapa; em especial a minha coordenadora Beatriz Sabia Alves Ferreira e minha orientadora Roberta Cava. Deixo um abraço também aos amigos que junto a mim estiveram durante este período, sendo eles responsáveis também pelo bom convívio e experiências que tive, bem como pelas lembranças que a partir daqui guardo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INDÚSTRIA CULTURAL E SOFT POWER: INSTRUMENTOS DA DIPLOMACIA CULTURAL.....	12
2.1 Soft Power e Diplomacia Cultural.....	12
2.2 Diplomacia Cultural e Política Cultural.....	16
2.3 A política externa da primeira república.....	20
2.4 A política da Boa Vizinhança.....	22
2.5 Personagens e artistas sob influência da Política da Boa Vizinhança.....	24
2.6 Pato Donald visita Zé Carioca: o imperialista cultural dos EUA no Brasil.....	26
2.7 A música brasileira e sua inserção na indústria cultural.....	27
2.8 O papel de Carmen Miranda nas Relações Exteriores.....	28
3 GETÚLIO VARGAS A JUSCELINO KUBITSCHK: OS CAMINHOS DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA RUMO A ASCENSÃO INTERNACIONAL.....	31
3.1 O nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas.....	31
3.2 “50 anos em 5”: o sonho da efetivação brasileira no cenário internacional.....	33
3.2.1 Os anos dourados de Juscelino Kubitschek.....	34
3.2.2 A Operação Pan-Americana.....	36
3.3 A sociedade e a cultura dos anos dourados.....	38
3.3.1 A fama da Bossa Nova.....	39
3.4 ISEB e CPC e a transformação da cultura brasileira.....	40
3.5 A arquitetura de Niemeyer no Brasil e no mundo.....	47
4 OS SÍMBOLOS DO BRASIL E A DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA.....	49
4.1 A arquitetura singular de Oscar Niemeyer.....	51
4.2 A parceria Tom Jobim e Vinícius de Moraes.....	53
4.2.1 Vinícius de Moraes.....	53
4.2.2 Tom Jobim.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

RESUMO

Resumo: Este trabalho analisará as questões de política externa e interna do Brasil em um período de transição política e como tais questões impactaram a sociedade brasileira, estudiosos e instituições moldando o cenário em busca de uma nova identidade nacional. O debate sobre as influências externas nas políticas, costumes e cultura do Brasil fez com que o nacional-desenvolvimentista ganhasse força no cenário interno brasileiro. O trabalho buscará demonstrar como a construção de Brasília, o movimento da Bossa nova e os artistas e estudiosos envolvidos moldaram o caráter da identidade brasileira a nível internacional, como este momento da história foi significativo desde aquela época e moldou as características brasileiras para a consolidação de sua identidade nacional tanto no próprio Brasil, mas também no mundo.

Palavras-chave: Bossa Nova; construção de Brasília; identidade e cultura brasileira; Diplomacia cultural; símbolos nacionais.

ABSTRACT

Abstract: This paper will analyze the Brazilian foreign and domestic policy issues in a period of political transition and how these issues impacted Brazilian society, scholars and institutions shaping the scenario in search of a new national identity. The debate about external influences on Brazilian politics, customs and culture made the national developmentalist gain strength in the Brazilian domestic scenario. The research will seek to demonstrate how the construction of Brasília, the Bossa Nova movement and the artists and scholars involved have shaped the character of Brazilian identity at an international level, as this moment in history has been significant since that time and has shaped the Brazilian characteristics for the consolidation of its national identity both in Brazil itself and in the world.

Keywords: Bossa Nova; Construction of Brasilia; Identity and culture; Cultural diplomacy; National symbols.

LISTA DE ABREVIATURAS

JK - Juscelino Kubitschek

GV - Getúlio Vargas

EUA - Estados Unidos da América

OPA - Operação Pan-Americana

ISEB - Instituto Superior dos Estudos Brasileiros

CPC - Centro Popular de Cultura

UNE - União Nacional dos Estudantes

PCB - Partido Comunista Brasileiro

ONU - Organização das Nações Unidas

1 INTRODUÇÃO

Os anos da década de 1950 foram marcados pelas mudanças estruturais e políticas que aconteciam no Brasil. Os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek mantiveram uma estrutura similar e complementar que incentivaram o processo de modernização do país, presentes na substituição de importações, abertura de capital, planejamento estratégico, promoção da indústria de base e infraestrutura. Todos esses fatores transformaram o Brasil por completo já que envolveram questões de âmbito econômico, político, estrutural e, conseqüentemente, cultural.

Com isso, o Brasil caminhava para se tornar uma nação moderna ao adotar um novo padrão de vida que vinha acompanhada também das mudanças na cultura e na vida social. A introdução da modernidade estava presente nas simples coisas do cotidiano, como eletrodomésticos, e meios de comunicação, como rádios, televisão, cinema e músicas, que difundiam-se cada vez mais disseminando um pensamento nacionalista, fundamentais na ideologia de um país rumo ao progresso e à modernização.

Assim, as transformações econômicas, estruturais afetaram o social, que foi um divisor de águas para a compreensão desse momento histórico na sociedade brasileira. No Brasil, a construção do futuro da nação foi moldada por meio dos rumos tomados na política, na economia e na cultura dos anos 1950 e 1960.

No primeiro capítulo analisaremos as questões políticas que influenciaram as relações internacionais do Brasil que caminhavam para sua inserção e fixação no cenário político-econômico mundial. A partir do contexto histórico e da abordagem de teorias como a utilização do *soft power* e da diplomacia cultural, poderemos esclarecer que mesmo as pequenas mudanças culturais tiveram grande impacto na inserção da cultura brasileira a partir da década de 1930.

O contexto social foi propício para que os Estados Unidos fizessem com que toda a América Latina fosse inspirada por seus valores morais, que seguisse seus passos na política e na economia. A tentativa através da política da boa vizinhança, com mecanismos e agentes que participaram na influência norte-americana sobre a produção cultural inicialmente foram um sucesso para a política externa

estadunidense, mas depois, deu forças à necessidade do Brasil de encontrar sua personalidade nacional. Todo o conteúdo abordado no primeiro capítulo tem a intenção de abordar os fatores da época que colaboraram para que o Brasil se colocasse no eixo e se inserisse no cenário mundial com seus próprios costumes. Embora tenha tido influência direta dos Estados Unidos, a nacionalidade brasileira foi moldada, o que garantiu sua personalização cultural nos anos 1950.

A análise do primeiro capítulo abordou as questões internacionais e como a influência externa afetou a estabilidade interna do Brasil. A partir do segundo capítulo, serão analisadas as políticas internas do país e como a cultura estava sendo moldada a partir das necessidades da sociedade moderna. A partir das novas indústrias, da construção de Brasília, dos novos estilos musicais foram essenciais na consolidação da união interna brasileira.

O trabalho irá refletir, nesta segunda parte, a respeito do início da ascensão cultural brasileira a partir das influências norte-americanas, estas as quais inspiraram movimentos e estilos musicais, como a Bossa Nova, por exemplo. A política da boa vizinhança, embora tenha funcionado por um tempo, leva o Brasil à busca pelo seu nacional desenvolvimentismo, que coopera a nível internacional ao passo que a própria sociedade, principalmente os jovens e acadêmicos, sente a necessidade de investir internamente no país.

Percebe-se neste período, do governo de Juscelino Kubitschek, que o Brasil deve buscar por sua identidade nacional se dividissem emoções e preocupações que estivessem ligadas ao Estado, gerando, assim, um fomento nacional em busca pela participação e interesse. Exemplos desse movimento são a construção de Brasília e a inovação da Bossa Nova.

Dessa forma, no terceiro capítulo, as figuras e símbolos nacionais que colaboraram para a diplomacia cultural brasileira serão apresentadas, demonstrando como artistas e poetas da época foram importantes para a consagração da cultura brasileira em território nacional e internacional. A consolidação da nova representação da cultura do Brasil dos anos 1950 aos anos 1960, seja pela Bossa Nova ou pela arquitetura de Niemeyer, foram fundamentais para a construção da identidade brasileira. Estas representações foram fundamentais na época e perduram até os dias atuais.

O trabalho se embasa na exploração bibliográfica com fatos históricos da política externa brasileira e seus impasses políticos e culturais, a partir de um momento de transição na sociedade brasileira e das próprias mudanças do governo. As teorias abordadas propõem explicar como a cultura pode ser transformadora devido aos interesses de um Estado, e como, após um tempo, a identidade brasileira, que estava perdida, avança, encontrando-se e se aperfeiçoando para também exercer seu papel na diplomacia cultural.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E SOFT POWER: INSTRUMENTOS DA DIPLOMACIA CULTURAL

2.1 Soft Power e Diplomacia Cultural

O estudo sobre a História das Relações Exteriores do Brasil permite afirmar que a determinação da política econômica interna é também moldada na sua participação no cenário internacional. As pressões políticas externas causam mudanças internas que dependem das políticas públicas traçadas por cada chefe de Estado para garantir seu crescimento e autonomia. A implementação de novas estratégias que limitam ou avançam a sociedade interna brasileira, foram fundamentais para as mudanças na política interna e externa do Brasil, a fim de buscarem maior poder na capacidade de avanços sociais.

A história da política externa brasileira é marcada por fases, cada uma atendendo a pressões diversas, o que influenciou a agenda de cada presidente. Podemos perceber estas mudanças a partir do final do governo de Getúlio Vargas até as políticas bem esclarecidas de Juscelino Kibitschek, na década de 1950, com o desenvolvimentismo brasileiro e política externa independente, que alavancaram o Brasil.

Portanto, neste período deve ser analisada a forte investigação política e social para que possamos interpretar as causas e efeitos que da influência externa para a nova realidade interna brasileira. Algumas políticas internacionais que envolviam o Brasil mudaram completamente seu cenário e sua posição no cenário internacional. O tempo e o espaço destas mudanças caracterizam diversos fatores traçados para cumprir as metas da nova política externa brasileira.

Os Estados se posicionam, então, a partir de valores e interesses para traçar suas estratégias de políticas nacionais e internacionais. Estes valores e interesses fincados na sociedade correspondem às mudanças ocorridas na política interna e externa brasileira e como afetou a população de cada época, tais como seus líderes.

Para compreender a política externa brasileira, devemos analisar as questões culturais que determinaram tomar medidas a partir de seus interesses, já que no

século XX, questões culturais e identidade transformam-se em fenômenos centrais para a compreensão de processos políticos exteriores.

A Diplomacia Cultural, portanto, torna-se uma grande aliada dos países e no caso do Brasil é uma grande aliada para sua inserção no cenário internacional e participação política. Esta subárea da política externa tem a capacidade de promover-se internacionalmente e mediar as relações externas a partir de seus interesses, ou interesses externos no Brasil.

Os Estados utilizam deste meio para promover seus interesses e construir seu prestígio internacional a fim de promover seu desenvolvimento nacional. Definir um plano de estratégia através da diplomacia cultural é de grande vantagem para aqueles países que adotam este processo para suas políticas externas, pois garantem maior estabilidade entre outros atores, sejam eles organizações ou Estados. O protagonismo da diplomacia cultural garante maior colaboração e confiança nas relações internacionais.

As relações culturais vem transformando o cenário das políticas internacionais, chamadas muitas vezes de mutações da política. O processo de formação de novos Estados e o aumento demográfico são características fundamentais para estas alterações políticas. A necessidade de aplicar novos métodos a partir de novos agentes que compõem o cenário é fundamental.

A crescente capacidade da sociedade moderna que se forma no século XX altera, cria e demanda por novidades e a constante demanda por intercâmbio cultural e econômico. Sabendo disso, a competição internacional neste campo faz com que os países atuem cada vez mais. O que os deixa de certa forma mais dependentes deste poder diplomático, o que pode também ser benéfico devido à capacidade de influência e inserção internacional (RIBEIRO, 2011, p. 22).

A dependência da diplomacia cultural para algumas nações depende de como resultará sua influência quando enfrenta outro país que utiliza dos mesmos meios para estabelecer relações com terceiros.

Claramente a capacidade da cultura nas relações internacionais não deve seus esforços à era da informação e tecnologia, embora tenha tido maior efeito e propagação durante esta era. Até porque as culturas se formam a partir de empréstimos de outras culturas que ao se fundirem formam novas culturas. A

influência de outras culturas transformaram a percepção social ou artística ao longo dos séculos da existência humana.

A novidade da primeira metade do século XX, portanto, é a informação rápida e de fácil acesso que inicia o processo da inserção direta da cultura na sociedade e relações nacionais e internacionais. A cultura exposta aqui é muito mais do que um estudo da antropologia, mas torna-se uma crescente parte da política internacional. Assim como as revoluções industriais, agrárias e tecnológicas tiveram total impacto nas relações internacionais, a revolução cultural entra também como um fator importante dentro das mudanças políticas.

Embora a cultura tenha papel fundamental e possivelmente por si só seria uma política, o papel do Estado ainda continua sobrevalente diante das relações exteriores. Facilitar o acesso a essas informações é extremamente necessário, porém o Estado deve mediar esta influência direta já que as dimensões diplomáticas devem ser mantidas para si e não nas mãos da dimensão cultural.

Através destas interlocuções culturais percebemos que estão presentes na economia, novos produtos em circulação e na política, novas alianças são formadas a partir de seus interesses em comum. Desta maneira, os Estados procuram projetar seus valores a partir destes meios diplomáticos.

O peso deste país no cenário internacional é de grande importância, já que sua participação social ativa tende a aceitar ou negar determinados valores ou culturas. Qualquer atitude errônea pode levar à separação entre povos de necessidades distintas em escala regional, bilateral ou multilateral, podendo haver grandes danos à política externa. A esse respeito, pode-se destacar que:

Tal fato se deve a uma percepção muito aguda (que os países desenvolvidos já registram há inúmeras gerações) de que a cultura pode desempenhar um papel importante na superação de barreiras convencionais que separem povos; na promoção ou estímulo de mecanismos de compreensão mútua; na geração de familiaridade ou redução de áreas de desconfiança. Nem sempre isso ocorrerá, é verdade. Mas é suficiente que ocorra com certa frequência para que estejam plenamente justificados os esforços e recursos canalizados nessa direção (RIBEIRO, 2011, p.24).

As inovações tecnológicas tem grande peso na influência cultural, já que sua disseminação rápida capacita mais este poder. Para isso, o Brasil necessita de grande incentivo ou parceiros neste meio, já que a capacidade econômica, política, social e comercial brasileira tem grande potencial para atingir os níveis culturais de

influência como outros países que não dispõem das grandezas brasileiras, mas que têm maior influência internacional que o Brasil.

A cultura é a expressão de uma comunidade. Não se baseia em princípios de grandeza econômica, social, tecnológica para expressar-se. A cultura é a junção destas e como estas influenciam quando são relacionadas entre si. Assim, a cultura brasileira em suas diversas culturas que se encontram ao longo do território brasileiro representa uma das matérias de ingresso e inserção política no âmbito regional e mundial estimulando a aproximação multilateral por seu caráter acolhedor e os benefícios são a constituição de novos intercâmbios e paridades econômicas, de confiança e políticas. (GEERTZ, 1973)

A discussão de colocar o fator cultural brasileiro na atuação de suas relações internacionais ao longo de sua história, mostra que é necessário primeiramente que haja fortalecimento cultural interno para que sua consolidação traga confiança para aqueles países que criem laços com o Brasil, para passar a ideia de país diversificado por culturas, mas também unido por elas. Sua diversidade é, não somente complexa, mas, apresenta grandes possibilidades comerciais, políticas e influentes.

Para a antropologia, cultura é “a soma de hábitos, costumes e realizações de um indivíduo, uma comunidade, um povo, ao longo de sua história. Essas realizações, por sua vez, cobrem todos os campos da atividade humana, das artes à ciência, da tecnologia ao folclore, da política à religião, da saúde ao esporte, do comércio ao lazer” (RIBEIRO, 2011, p. 29). Ou seja, é a sociedade em si, como vive, como age, hábitos e costumes entre as gerações. Por outro lado, cultura é também a capacidade de aceitação de outras culturas ou costumes e como a mesma garante que a comunicação em sua difusão, constrói a mutualidade e reciprocidade cultural para garantir boas relações internacionais.

No terceiro mundo, por exemplo, há grande influência devido à sua vulnerabilidade tecnológica, ou política, ou econômica que não há retorno e troca de informações em quantidade que se é espalhada destes países que detêm maior poder de influência. Percebemos então que embora seja um conceito relativamente fácil, é complexo devido a falta de intercâmbio de informações.

Dito isso, analisamos o conceito cunhado por Joseph Nye chamado soft power. Este termo torna-se muito importante neste contexto já que sua definição é caracterizado por um poder de persuasão e atração, podendo ser econômica, política e cultural, para uma determinada finalidade. Diferentemente do termo do hard power que é o poder duro, poder de coerção e intimidação (NYE, 2004, p. 4).

Ganhar mentes e corações é mais interessante que intimidá-los, ainda mais na época da informação global, na qual as informações são mais rápidas e há maior fluxo de pessoas e mercadorias, ou seja, usar desses meios para promover seu poder de maneira com que indivíduos e Estados sejam atraídos por uma ideia, é mais valiosa que exigir algumas ações.

De maneira mais objetiva, Nye (2002, p. 36) caracteriza o futuro do soft power como a cultura em si, já que neste século de informações rápidas e maiores fluxos intercambiáveis tornam-se mais comuns. Através da cultura, governos e instituições podem se tornar mais influentes dentro de uma sociedade que aceita tais costumes ou regras, assim, algumas propostas são mais fáceis de serem admitidas já que o poder de persuasão dela torna-se mais forte e aceitável. Dessa maneira, torna-se mais fácil de introduzir novas ideias dentro de um grupo de indivíduos pois estes já foram previamente preparados.

O século XX foi recheado pelo soft power que guiou as pessoas durante as várias guerras que impactaram o mundo, assim, este modelo de poder tornou-se a maneira mais interessante de fazer política externa. A Diplomacia Cultural, logo entra como método de atingir resultados políticos ou econômicos, já que seu poder é mais ameno e menos invasivo, chocante, tornando, então, o soft power em uma arma poderosa neste período.

2.2 Diplomacia Cultural e Política Cultural

A Diplomacia Cultural é utilizada como um meio de promover valores através de elementos culturais, cada vez mais conhecida para concretizar determinados objetivos na política ou valores morais. Esta diplomacia exerce grande influência em todos os meios sociais como a promoção de intercâmbios culturais, utilização do

setor público para firmar novos costumes, alterando diretamente na produção cultural.

A coordenação de programas culturais de um país interfere diretamente nas questões políticas como também no setor econômico. Costumes podem gerar novos mercados, novas percepções e afetam o funcionamento de todo o Estado. Os novos meios de comunicação aparecem no século XX desempenhando um papel fundamental para a coordenação de políticas externas a partir da maior inserção social na democracia (SCHAAKE, 2010).

O universo da diplomacia cultural contextualiza a promoção de artes e artistas, ensino de idiomas como veículo de valores, divulgação de material artístico-cultural, integração e mutualidade na propagação e distribuição e apoios de cooperação técnica ou intelectual. Estes variam da realidade de cada país, de disponibilidade e prioridades, que definem os parâmetros mais amplos na diplomacia cultural.

No Brasil, muitas vezes parte da valorização deste aspecto cultural parte de segmentos da sociedade brasileira e como ela integra com outras culturas brasileiras. E é provável que a partir desta integração e intercâmbio permitam que sejam estudados com maior precisão o que será levado ao público externo, que irá representar a cultura e a realidade brasileira. A seleção cultural através deste estudo será primordial para a capacitação na diplomacia cultural brasileira diante aos outros países.

Através do aspecto da cultura como meio diplomático, sua inserção internacional parte do *soft power*, por meio de indução ou atração, mostrando suas qualidades aos demais Estados do sistema internacional. O *soft power*, embora não seja um método muito bem explorado pela diplomacia cultural brasileira, tem enorme qualificação e vantagem sobre outros países e deveria ser levado mais em consideração.

O recurso de poder do *soft power* que consiga atuar em campo internacional garante não somente na aceitação cultural por outros, mas também na sua utilização em campo interno ou externo, presente na diplomacia cultural.

É importante ressaltar que o Soft Power é um poder difícil de ser manejado, uma vez que a maioria de seus recursos não depende exclusivamente dos governos, sendo assim, seus efeitos dependem quase que exclusivamente da aceitação por parte dos

outros Estados. Outrossim é que os recursos de Soft Power muitas vezes atuam de maneira indireta e costumam levar anos para que os resultados sejam percebidos, e muitas vezes estes resultados não podem ser tabulados e provados empiricamente. Diante da autonomia difusa dos governos na promoção da cultura, tem-se a grande importância das empresas, que são grandes responsáveis pela promoção de um país e muitas vezes se utilizam das forças culturais para serem inseridos no cenário internacional (ANSCHAU, 2015, p. 22).

Uma outra dimensão das relações culturais engloba as questões sociológicas e econômicas que se fundem com as pautas de estratégias governamentais que regem a organização e atuação dos países em suas políticas externas. A cultura de mídia influencia o pensamento, conhecimento, necessidade, desejos e identidades de uma sociedade, impulsionando um efeito totalitarista.

A Diplomacia Cultural está ligada diretamente ligada à evolução do desenvolvimento social e econômico de um país. A articulação cultural é um método para que um país seja inspirado ou influenciado a seguir determinados caminhos políticos.

A articulação da cultura por meio de ministérios e empresas privadas é uma complexidade que altera o modelo da política cultural reforçando a identidade nacional. A proposta da política cultural é a formulação desenvolvidas pela administração pública junto a empresas privadas, e muitas vezes também organizações não-governamentais, para promover intervenções numa sociedade através da cultural. A partir deste conjunto de iniciativas busca-se o reconhecimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais, obtendo consenso na da transformação social e de proteção ao que representa uma sociedade ou um grupo social (FÉLIX, 2006, p. 1).

O interesse destes agentes presentes na política cultural é promover, proteger, distribuir a cultura local e seu ordenamento. É também considerada uma ciência da organização das estruturas culturais. (Teixeira Coelho, 1997, p. 292)

O conceito parte dos agentes políticos e da formação da cultura que leva a duas dimensões da cultura que devem ser alvos da política cultural. A primeira é a dimensão sociológica, que se refere a construção da cultura, elaborada para construir pensamentos ou atingir determinado público através de determinados meios de expressão dirigidos especificamente a este grupo.

E a dimensão antropológica, por sua vez, é a cultura do cotidiano, construída em comum pelos próprios indivíduos de uma sociedade. É o que lhes garante convívio e equilíbrio social. Esta, no entanto, é o grande desafio aos gestores de cultura, pois esta dimensão é mais generalista e mais difícil de se concretizar, pois todos os indivíduos devem estar de acordo com as características deste modelo cultural, que de certa forma os representa (FÉLIX, 2006, p. 2).

A transversalidade no campo cultural aborda todas as questões sociais, econômicas, políticas, direito, comportamento, diversidade, etc exigindo grande capacidade de articulação com a sociedade. O Brasil conta com uma particularidade em sua multiculturalidade por todo seu território, o que leva aos gestores um grande desafio na elaboração de políticas culturais.

Estas dificuldades são notadas já que em cada região brasileira divergem uma da outra, tanto na influência que receberam, como levam a vida até hoje. Os diferentes grupos sociais no Brasil são exemplos que indicam a necessidade de políticas de acesso a bens culturais, promovendo aceitação entre as diferenças e apoio a pluralidade do país.

Estas características tomam forma num período de sucesso e expansão da cultura brasileira, principalmente em relação à música já que é um vetor muito expressivo de determinação cultural. As relações culturais a partir da música, tanto nacionais quanto internacionais, comportam sua representatividade. O Brasil na década de 1960 com a Bossa Nova, por exemplo.

No decorrer do século XX, o Brasil desenvolveu sua diplomacia cultural a fim de melhorar suas relações internacionais e defender seus interesses estratégico, políticos e econômicos. As modificações estruturais que ocorriam no Brasil defendia uma política cultural pragmática para garantir sua identidade nacional através da diplomacia cultural que buscava marcar presença através de suas instituições e meios de atuação a determinados países de acordo com sua agenda.

A história da diplomacia cultural brasileira deve-se a um grande passo presente na política externa para demonstrar o crescimento e a potência que o Brasil havia se tornado. O esplendor cultural foi aproveitado a partir do reflexo de seu poder de influência política e econômica na região e em potencial para níveis mundiais.

A afirmação do prestígio brasileiro teve seu início na segunda república (1930-1937), já que na primeira república (1889-1930) não havia tanta promoção da cultura brasileira no estrangeiro e o pouco que existia eram programas distintos e não se encontravam, sendo assim, dois programas caminhando lado a lado, mas sem conexão, o que tornava tudo mais difícil. O Brasil conta com um enorme potencial cultural, admirado no estrangeiro, porém pouco explorado.

Desde o final do século XIX e o século XX, as mudanças nos cenários social, econômico e político deram um processo rápido de expansão cultural, industrial e intervencionista. As guerras mundiais alavancaram o processo de globalização, da comunicação e intervenção cultural e moral, principalmente por parte dos Estados Unidos. A partir disso, analisaremos como as relações internacionais foram essenciais na diplomacia cultural e como influenciou os interesses nacionais do Brasil.

2.3 A política externa na primeira república

A proclamação da república do Brasil aconteceu em 1889. Nesta época a orientação da política externa não estava bem direcionada. O novo regime contou com a gestão de Rio Branco, de 1889 a 1902, importante diplomata brasileiro, entretanto faltou uma diretriz entre os diplomatas e organismos públicos para que a política externa tivesse êxito.

Tal impressão é reforçada devido ao número elevado de ministros que dirigiram as Relações Exteriores, que sucederam Rio Branco. As mudanças ministeriais apresentaram certas constantes, mas apresentava dificuldades a partir da conduta do dia-a-dia da repartição.

A nova república tomou uma nova posição a sua política externa do que havia sido praticado até o final do segundo império, o que provocou uma ruptura com o antigo modelo de praticar a política externa. Essa nova fase procurou americanizar suas relações, aliando-se com os países vizinhos e também os Estados Unidos.

O rompimento com a maior parte da tradição diplomática imperial inovou procurando estabelecer alianças e acordos comerciais com a potência continental, os Estados Unidos. Nesta época, a imagem do Brasil nas relações internacionais não

era muito positiva. Havia cortado relações diplomáticas com os países, principalmente europeus, que não aceitavam sua república e também era bastante isolado de seus vizinhos.

A chamada americanização por Clodoaldo Bueno (2011, p.180), foi uma fase de adaptação do novo modelo político no Brasil, que intencionou reforçar ou formar alianças com os países do continente americano. Isso aproximava o Brasil mais aos Estados Unidos do que aos seus vizinhos, devido a uma insegurança que tinham em relação ao país. A abolição da escravatura, o regime presidencialista diminuíram as divergências dos países, o que fortaleceu sua aliança, já que também lutava contra o imperialismo europeu na América, organizado e direcionado pelos Estados Unidos.

Com a proclamação da República em 1889 e os primeiros passos de uma ação internacional (...), nascia uma visão estreita dos relacionamentos continentais que tendia a se basear no princípio de solidariedade a partir da similaridade institucional. Essa corrente bradava: "somos da América e queremos ser americanos" e buscou intensificar relações com todo os países vizinhos num projeto cujo objetivo era se distanciar de tudo o que Império representava. Acreditava-se que o regime republicano, enquanto evolução do Novo Mundo, não deveria vincular o país à Velha Europa. Era necessário repensar a inserção internacional do Brasil a partir do próprio continente, pressupondo uma fraternidade entre os países americanos (PEREIRA, 2005, p.4).

Iniciava-se uma fase de cordialidade entre Estados Unidos e Brasil e suas relações bilaterais aumentavam o desejo norte-americano de obter influência sobre a região. Algumas negociações comerciais entre os dois países foram firmadas, porém não obtiveram sucesso, já que os Estados Unidos não viam tanto benefício em como se conduziam os acordos, e acabam anulando-os. O café foi o produto principal na exportação brasileira, que estabilizou a relação comercial e política entre os países.

Nos primeiros anos do século XX, os interesses oligárquicos do Brasil eram atendidos ao passo que as relações brasileiro-norte-americanas alinhavam-se. O Brasil exportava seus produtos e os Estados Unidos vendiam para o Brasil, um mercado consumidor em crescimento. Os Estados Unidos garantiram uma aliança com o Brasil por sua posição estratégica, possibilidade de mercado e investimentos, já que a Argentina havia mantido vínculos com a Grã-Bretanha, indo contra seus ideais de ter uma América livre das influências europeias.

O alinhamento diplomático com os Estados Unidos era também estratégico já que o Brasil procurava melhorar e intensificar suas relações exteriores sem a

intervenção das potências europeias. O avanço e crescimento dos Estados Unidos deu garantia de seu movimento progressista baseadas na estabilidade política e econômica da região, prezada pelo governo.

Assim, os Estados Unidos surgem como uma aliança entre os Estados americanos não apenas em termos políticos, mas civilizacionais. A Doutrina Monroe, proposta pelo presidente norte-americano Monroe em 1823, tinha grande capacitação nesta época. A doutrina proporcionou uma identidade e união regional-continental, concebendo aos Estados Unidos líder do sistema americano livre de intervenções europeias.

A preocupação com a economia foi uma constante na política externa do Brasil, porém a partir de 1930 os interesses não são apenas econômicos, mas também foca nos setores de diversas atividades como a indústria, bens de capital e setor energético. A partir de uma nova percepção destes interesses, visando contemplar outros segmentos da sociedade, as transformações na política externa brasileira reforçaram a necessidade de seu desenvolvimento nacional.

A atração cultural e, principalmente em relação ao crescimento econômico, do Brasil em relação aos Estados Unidos levou em conta a afirmação norte-americana no pan-americanismo e sua intenção de unir as Américas, o que promoveria relações alinhadas na busca pelo desenvolvimento de todos. A política externa brasileira, portanto, torna-se aliada da ideia promovida pelos Estados Unidos de promover uma relação estreita entre vizinhos.

2.4 A política da Boa Vizinhança

Criada pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt na década de 1930, foi um órgão político, chamado Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), para implementar o modo de vida norte-americano para diminuir qualquer outra influência sob a América, buscando também consolidar seu domínio político e econômico sob o continente através da cultura.

O órgão se baseou na influência norte-americana sobre “a produção e exibição cinematográficas dos países latino-americanos, além de avaliar outros aspectos da invasão cultural estadunidense nestes países, como na difusão

radiofônica, música, literatura e fotografia” (SILVA, p.2), que acentuou o impacto nos meios culturais e da arte na América Latina, da mesma forma que reiventava-se os valores sociais e simbólicos destes países.

Vale apontar que a elite brasileira apoiava a penetração cultural norte-americana já que os interesses oligárquicos estavam ligados diretamente aos Estados Unidos que satisfaziam as necessidades desta elite.

Com a crise de 1929 e a Quebra da Bolsa de Nova York, que deu início a chamada Grande Depressão na década de 1930, os Estados Unidos passavam por problemas internos que demandam dedicação total da atenção e estratégia, o que resultou em uma nova tática para manter seu domínio da América Latina. A não intervenção militar no continente foi uma estratégia de Roosevelt que acreditava que formas mais sutis de atingir a sociedade latino-americana seriam mais eficazes.

A solidariedade fixada no princípio do pan-americanismo defendia a integração, respeito e liberdade entre os países do continente americano. Ou seja, qualquer intervenção de poder bruto norte-americana que não demonstrasse parceria continental, quebraria o respeito dos países latino americanos pelo que havia se concretizado nos últimos anos pelos Estados Unidos.

Portanto esta nova política consiste em influenciar os países da América Latina através da cultura, exportando o modo de vida estadunidense, que conseqüentemente aumentariam a influência política e obteriam benefícios econômicos. A presença norte-americana através de acordos comerciais e planos de integração aumentavam e garantiam a hegemonia dos Estados Unidos no continente, de maneira que surgisse um imperialismo cultural e não um molde tradicional imperialista (SILVA, p. 4).

A promoção de intercâmbios culturais com países latino americanos criava um sentimento continental, aumentando a influência norte-americana a partir destas políticas. Os Estados Unidos perceberam a possibilidade de aliança de políticas com práticas políticas que tendiam ao fascismo europeu da época, por isso, a ação ideológica passada aos países de liberdade e democracia incorporava-se ao discurso político. Isso levaria a homogeneização cultural desejada pelos Estados Unidos a fim de manter estabilidade em sua hegemonia continental.

Através da Política da Boa Vizinhança, acordos com instituições artísticas estadunidenses são firmados para que haja intercâmbios com os países latino americanos aos Estados Unidos, oferecendo bolsas e promovendo eventos culturais em grandes centros de exposição de arte como no Museu de Arte Moderna em Nova York.

Com isso, novos métodos para inserir a cultura norte-americana nos costumes da América Latina são lançados de forma sutil e divertida. As histórias em quadrinhos e filmes foram algumas produções culturais que buscavam fixar os valores norte-americanos em território estrangeiro para buscar a aceitação das sociedades. A partir disso, as produções culturais norte-americanas abordam questões latinas.

2.5 Personagens e artistas sob a influência da Política da Boa Vizinhança

Durante este processo outro projeto patrocinado por este programa foi a criação do Zé Carioca por Walt Disney. Este personagem brasileiro aparece como amigo do Pato Donald, grande personagem das produções Disney nos Estados Unidos e no Mundo. Tal criação representa a boa relação entre Brasil e Estados Unidos.

Walt Disney (1901-1966) foi um produtor cinematográfico, animador e empreendedor, que fundou a Walt Disney Company, uma companhia de desenhos animados que fizeram sucesso mundial. Os personagens ganharam popularidade transformando-os em símbolos da animação que fixaram a empresa de Disney na cultura popular.

O sucesso começa com Mickey Mouse, em 1928, para concorrer com o sucesso do desenho animado o Gato Félix. Mickey Mouse logo ganha amigos que contracenam suas aventuras e descobertas e a inserção do Brasil em um dos desenhos mais populares dos Estados Unidos garantia uma boa relação entre política e sociedade.

A representação brasileira no desenho norte-americano ganhou notoriedade, pela população brasileira, que sentia-se honrada. O Zé Carioca foi uma personagem

que atribui as características da população brasileira, embora distorcida, para dentro dos desenhos e sua vinda ao Brasil mostrava a amizade e confiança entre Brasil e Estados Unidos.

A penetração cultural norte-americana no Brasil foi ganhando espaço na sociedade brasileira devido às relações culturais presentes e subdivididas nas seções de televisão, artes, rádio, música, literatura, etc.

Na área cinematográfica, alguns estereótipos formados pela indústria de cinema tiveram que ser alterados. Alguns destes feriam a nacionalidade de alguns países e tiveram que ter abordagens diferentes ou serem suspensos, já que a discriminação racial ou que impusesse qualquer costume norte-americano seria mal visto pelas sociedade, o que ia contra sua política de boa vizinhança com os países latinos. Por isso, foram banidas estes estereótipos das produções de Hollywood.

Neste mesmo contexto, o autor Érico Veríssimo é convidado pela Universidade de Berkely, no estado da Califórnia a ministrar um curso da literatura brasileira. Este curso evidenciava a pluralidade na cultura brasileira apoiando a integração pan-americana. Veríssimo defendeu que a troca deveria ser mútua, promover o intercâmbio sem haver imposição cultural ou econômica por parte dos Estados Unidos.

O autor também criticou a imagem estereotipada do Brasil e costumes brasileiros que eram passados aos estadunidenses através dos filmes de Hollywood e a indústria da cultura. Veríssimo afirmou que a construção da identidade nacional através da literatura tinha muito a agregar no pan-americanismo.

A política da boa vizinhança conquistou grandes feitos nas relações interculturais dos países da América Latina com os Estados Unidos e, ao percebê-los, sua dedicação por este meio, que é o *soft power* da diplomacia cultural torna-se mais direto, principalmente em relação ao Brasil, que é uma grande potência latino-americana. Os envolvidos na produção cultural estadunidense também faziam parte das políticas externas adotadas pelo governo a fim de promover seus próprios interesses como empresários. A relação entre cultura e política tornam-se essenciais neste período.

2.6 Pato Donald visita Zé Carioca: o imperialista cultural dos EUA no Brasil

Walt Disney realizou uma viagem à América Latina durante a Segunda Guerra Mundial para como parte de um esforço dos Estados Unidos para reunir aliados, a partir da política da boa vizinhança. Não era apenas Disney que estava envolvido nesta política, mas aproveitou a chance para promover as políticas estadunidenses e para autopromoção. Em sua vinda ao Brasil em 1941, Disney encontrou diversas pessoas influentes da época, como artistas e o então presidente Getúlio Vargas. Percebeu que muitas das piadas contadas no Brasil envolviam papagaios e então foi criado o Zé Carioca.

A vinda de Disney para os países vizinhos e ao Brasil resultou em inúmeras representações regionais através de personagens existentes de Disney e novas personagens características dos lugares. Isso deu visibilidade internacional ao continente americano e em especial o Brasil. Após sua visita, os desenhos ganharam um filme no qual as personagens passaram por todos os países e comunidades regionais. Por fim, chegam ao Brasil.

Não menos importante, porém o melhor foi deixado para o final. A expectativa de passar pelas comunidades incas no Peru, conhecer os *cowboys* dos pampas no Uruguai e Argentina e finalmente chegar ao Rio de Janeiro garantiu o suspense do que viria para o final:

Seria conveniente aprofundar em mais detalhes sobre a chegada de Donald ao Brasil, que na montagem do filme foi colocado como sua última visita, lembrando que foi o primeiro a ser visitado pela produção do desenho, essa montagem não foi proposital já que o final de um filme tem que surpreender, envolver e deixar o espectador no mínimo excitado (LIMA, p.12).

A aproximação entre os dois países está muito bem representada no filme quando ao chegar no Rio de Janeiro, Pato Donald e Zé Carioca se encontram. O estereótipo de Zé Carioca que adorava samba, fumava charuto e usava terno representavam a malandragem a sociedade carioca de maneira estereotipada.

As imagens do filme apresentam a camaradagem entre as personagens. Um abraço entre os dois, ou um aperto de mãos demonstram amizade entre os dois. No final do filme Zé Carioca apresenta a cachaça a Donald que cai descontraído no

samba, dançando com uma mulher que, aos olhos críticos, parece ser Carmen Miranda, ou uma representação estereotipada já que era uma artista muito conhecida nos Estados Unidos.

Entre muitas outras participações em quadrinhos ou filmes, a representação do Brasil aparecia como um lugar animado com muita música e dança, além de apresentar as ricas fauna e flora brasileira, tais características mantinham o interesse e a atenção do público. Embora fosse parte de uma política estadunidense de boas relações e manter laços com o Brasil fez com que a imagem brasileira, mesmo que estereotipada, tivesse uma ótima inserção no mundo da cultura. As imagens hollywoodianas rodaram o mundo, deixando a marca brasileira a partir do samba e das maravilhas da natureza do país.

2.7 A música brasileira e sua inserção cultural

A música é uma produção cultural que teve forte influência dos Estados Unidos que buscava a desnacionalização tanto nos ritmos quanto nas letras de músicas latino-americanas. A partir da década de 1940, percebemos a influência da política da boa vizinhança nas produções musicais.

Os órgãos e mecanismos responsáveis pela produção cultural no Brasil e nos Estados Unidos fundiam-se com o intuito de estabelecer e cumprir com acordos entre os países. De certa forma buscava-se produções que tivessem características que atendessem à demanda global, que seriam comercializadas com mais facilidade, a partir da linguagem apropriada, sem gírias e estilos musicais favoráveis da época como o *jazz*. É perceptível que a produção buscava pela identidade única dos países latino-americanos (MACHADO, 2012, p. 37).

O fomento de interação cultural fez com que o samba saísse das favelas nos morros do Rio de Janeiro para ser consumidos pelas elites, ação que internacionalizou o estilo musical. Esta influência teve frutos posteriores com a Bossa Nova e Tropicália.

A interação do cinema com a música provocou mudanças da produção musical devido às trilhas sonoras e estilos musicais que eram demandados na época. O cinema influenciou a música em estilos e sonoridade e composição em si,

provando a capacidade imensa do departamento norte-americano que guiava as políticas culturais a partir da Política da Boa Vizinhança.

Com isso, surgiram outros movimentos a partir da vasta abrangência do programa estadunidense, no qual o *american way of life* (o modo de vida americano) foi inserido em sua propaganda ideológica e de domínio continental. Com essa abordagem é possível perceber que todas as culturas estavam caminhando para um modelo genérico cultural a partir das políticas estabelecidas pelo governo norte-americano.

2.8 O papel de Carmen Miranda nas Relações Exteriores

A política cultural através da diplomacia cultural pode explicada com o papel de Carmen Miranda nas relações exteriores do Brasil com os Estados Unidos. A representação da cultura brasileira no cenário internacional iniciava-se a partir de um rápido processo após sua inserção em território norte-americano. O interesse da agência responsável pela política da boa vizinhança norte-americana era inserir os costumes estadunidenses em toda a América, embora tenha conseguido, possibilitou que o inverso também acontecesse.

Carmen Miranda (1909-1955) iniciou seu sucesso na década de 1930 com sua voz que invadiu as rádios da época com uma voz que ritmava versos animados. O Brasil buscava por uma nova identidade nacional que representasse as mudanças no cenário interno e externo do país, e contava com o Estados e grupos sociais, trazendo diversas representações reconfigurando a nova identidade que iniciava no país.

Segundo Kerber (2006), este contexto apresentou para a identidade nacional novos símbolos regionais, que além de representarem uma região de origem, também caracteriza a nação. Para ele, estes símbolos partiam da centralização política na cidade do Rio de Janeiro, por ser uma preferência na definição de símbolos nacionais, já que o Rio ocupava uma posição de destaque da identidade baseadas na interpretação de Carmen miranda no Brasil e no mundo.

Além de ídolo popular da época, Carmen Miranda teve um papel importantíssimo na representatividade do Brasil afora. A artista fez tanto sucesso

que ao final dos anos 1940 já era uma das cantoras mais bem pagas nos Estados Unidos. Sua fama quase lhe transformou em embaixadora brasileira devido a sua capacidade representativa do povo brasileiro, levando a imagem do Brasil mundo afora, colaborando na política externa.

Embora não tenha ocupado tal cargo, Carmen Miranda ajudou a encurtar distâncias entre Brasil e Estados Unidos, agiu como um elo cultural e político entre os dois países. Uma das maiores artistas de seu tempo, ela representava o Brasil de maneira não-oficial e governamental, representando o público brasileiro, o que a tornava a imagem perfeita de representatividade.

Kerber (2006), ainda relata que estes processos de adaptação ou firmamento de uma identidade nacional envolvem uma série de agentes que têm seus interesses em tal negociação. Estes agentes têm a função de lutar para que suas representações sejam tomadas como nacionais, determinando-as como universais aquele país. A disputa entre estes agentes é claramente defendendo seus interesses de acordo com suas próprias identidades locais, assim, fixando-as a nível internacional e conseqüentemente internacional.

É clara a participação da influência das políticas norte-americanas e brasileiras a partir das estratégias culturais já ditas anteriormente. E a força dessas políticas são testadas em momentos como este, quando Carmen Miranda consegue a atração do público e acaba promovendo exatamente o ordenado pelas políticas públicas através de artistas.

A propagação dos ideais norte-americanos através de filmes hollywoodianos encenados por Carmen Miranda a consagrou como artista completa, ela dançava, atuava e cantava. Embora tenha tido sucesso mundial, começou a perder popularidade. A crítica era de que sua imagem como artista já havia se tornado uma identidade totalmente americanizada.

Além do mais, na época o presidente do Brasil Getúlio Vargas tinha grande poder de censura em seu governo, que gerou mais críticas à Carmen era de que havia se tornado um fantoche do presidente. E que por passar muito tempo fora do Brasil o representando acabou estereotipando o país assim como os outros meios culturais estrangeiros. Não havia mais representatividade brasileira em sua arte ou música, não retratava as pessoas nem a situação brasileira.

Anos mais tarde, ao examinar a cultura brasileira, percebe-se que havia ironia nas letras das músicas de Carmen Miranda, que aparentavam estar dentro da censura estatal, mas na verdade era um método de ironizar o momento político e social brasileiro. Que apesar da interposição e da censura estatal, houve espaço para que outras variantes culturais sobre a nação brasileira fossem estabelecidas, assim, foi possível driblar a censura do Estado Novo, o que marca a diversidade de agentes envolvidos na conversação sobre a identidade nacional (KERBER, 2006).

Percebemos com este capítulo que a Política de boa Vizinhança dos Estados Unidos para com a América Latina influenciou a indústria da cultura em todo o continente, porém sua influência garantiu uma abertura dando a oportunidade dos países, inclusive o Brasil, de deixarem suas marcas através das propagandas presentes nos quadrinhos ou músicas. A cultura brasileira, embora um tanto estereotipada, teve grande avanço a partir destas políticas externas o que abriu portas para sua emancipação na cultural e influência mundial.

3 DE GETÚLIO VARGAS A JUSCELINO KUBITSCHK: OS CAMINHOS DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA RUMO À ASCENSÃO INTERNACIONAL

3.1 O nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas

O panorama do governo de Getúlio Vargas está situado em uma época na qual o desenvolvimento necessário demandava um crescimento industrial e nacional adequadamente ligado ao processo de reestruturação do Estado, que buscava ao mesmo tempo uma aproximação ao capital externo. Aqui, então, inicia-se um processo de adaptação ao firmar as bases do Estado ligadas à empresa privada, empresa pública e capital estrangeiro, pois juntos e bem organizados levariam o Brasil a seu desenvolvimento. Estas questões acabaram influenciando toda a organização cultural e social já existente. Após Vargas, percebe-se que a cultura é atingida devido à mudança econômica e, na década de 1950, já com Kubitschek, tais mudanças são ainda mais perceptíveis.

Podemos abordar a ascensão da cultura brasileira de diversas formas e efeitos. O panorama da política de desenvolvimento do segundo governo de Getúlio Vargas vinha da necessidade de capacitar a indústria brasileira, desenvolver o nacionalismo e o dirigismo estatal, e aproximação com capital estrangeiro. Vargas acreditava que esta articulação seria na base do tripé da empresa pública, empresa privada nacional e capital internacional.

Desenvolvimentismo era a palavra-chave na metade do século XX, e o nacionalismo de Getúlio Vargas queria caminhar nestas sob estes dois pensamentos, já que associou o pensamento nacionalista junto às necessidades para fazer com que o Brasil crescesse e se desenvolvesse principalmente na economia. Este nacionalismo influenciou diversas áreas brasileiras.

A política externa brasileira nas primeiras décadas do século XX até 1950 contou com grande influência dos Estados Unidos na cultura, na economia e na condução de suas políticas em geral. A partir daqui a necessidade de organizar o Estado para uma nacionalização tornou-se uma política para reajustá-las às necessidades do país.

Vargas queria criar uma identidade cultural, mas a diversidade cultural brasileira ao longo de seu vasto território, sendo elas descendentes de quase todas as partes do mundo, foi um desafio para o presidente ao tentar unir o Brasil através da cultura (FARES, 2011). Ele também acreditava ser a identidade que definia o brasileiro como um povo miscigenado e unido devido a estas diferenças culturais. Para Vargas, seria então fundamental que este setor, o cultural, tivesse harmonia em ordem de desenvolver o Brasil.

Estas políticas populistas em relação à cultura, de certa forma generalistas, consolidaram uma nova fase para a cultura que adota estas medidas políticas para colocá-las nas músicas a fim de representar o movimento da época. O antiamericanismo na América Latina, ganhou espaço nesta época que perdurou pelas décadas seguintes, que partia da desconfiança brasileira aos Estados Unidos deu combustível para que o nacionalismo crescesse. Estas novas abordagens na política externa cooperaram para a consolidação da cultura brasileira dentro do país de maneira que promovesse a cultura também no exterior, pois Vargas soube lidar com a política para que não desgastasse a relação entre Estados Unidos e Brasil.

O Departamento de Imprensa e Propaganda do governo de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945, tinha o intuito de controlar a mídia, principalmente o rádio que era o meio de comunicação mais popular da época, que não aceitava críticas a seu governo. As músicas e artistas eram os principais afetados já que as letras deveriam passar pelo cunho da censura (FARES, 2011).

Além do mais, o governo de Vargas, posteriormente queria liberdade na política externa a fim de promover o desenvolvimento e prosperar o Brasil a partir de sua autonomia, longe da influência norte-americana na economia ou política.

Desse modo, para obter os melhores resultados possíveis, de forma eficiente, era indispensável liberdade (mesmo que relativa) de ação, ou então, autonomia política no que se refere aos movimentos do país no sistema internacional. Soberania com autonomia decisória vinculados ao projeto de desenvolvimento-industrialização foram ideias-força de todo o paradigma desenvolvimentista, alcançando sua definição conceitual mais elaborada a partir dos anos 1960. Essa visão paradigmática da política externa brasileira encontrou grande respaldo tanto nos meios decisórios quanto na opinião pública brasileiras, acima de partidos e regimes políticos, por ser considerada como tendo uma percepção correta dos interesses nacionais. (FARES, 2011).

A influência norte-americana já havia conquistado seu lugar no Brasil a partir da influência cultural anteriormente. Mesmo adaptadas, novos ritmos musicais foram criados ou tiveram grande crescimento. O samba, por exemplo, cresceu e se popularizou ao passo que as políticas de identidade nacional que cresciam entre os governos do próprio Vargas. Tornou-se um dos gêneros musicais mais prestigiados da população brasileira na época que representava o caráter brasileiro, dissipando-se com mais facilidade mundo afora.

O nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas deu início ao processo de desenvolvimento e emancipação econômica e cultural ao Brasil até a metade do século XX. Seu governo foi perturbado devido às mudanças estruturais, políticas e econômicas, e todo o cenário foi moldado até chegar nos feitos de Juscelino Kubistchek, seu sucessor presidencial. A efetivação brasileira no cenário internacional tem um *boom* durante o governo de JK com a Operação Pan-Americana (OPA), fundamental para o amadurecimento brasileiro no exterior.

3.2 “50 anos em 5” - O sonho da efetivação brasileira no cenário internacional

O governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) é marcado pelo grande crescimento econômico e estabilidade política. Adotou o planejamento público baseado no desenvolvimentismo que gerou euforia e otimismo na população brasileira com seu famoso e mais conhecido lema “50 anos em 5”, embora ainda estivessem em choque e muito abalados com o suicídio de Getúlio Vargas.

A insatisfação norte-americana ao antiamericanismo que crescia na América Latina fez com que os Estados Unidos tomassem frente a este impasse com o Brasil já que é uma potência regional, e se tivesse o apoio do governo brasileiro seria mais fácil se aproximar dos outros países.

Esta iniciativa diplomática brasileira abriu as portas para uma nova fase de negociação com os Estados Unidos, deixando o Brasil em uma posição favorável. A aproximação com o governo estadunidense desencadeou uma série de políticas nacionais e internacionais que moldaram a sociedade, presentes até os dias atuais.

3.2.1 Os anos dourados de Juscelino Kubitschek

O governo de JK foi marcado pelo grande crescimento econômico e estabilidade política. Embora seu desenvolvimentismo tenha apresentado problemas financeiros ao final de seu mandato teve grande importância para o crescimento e desenvolvimento do Brasil. A euforia política e popular pelo seu plano “50 anos em 5” foi uma chave para o incentivo e apoio popular às mudanças que viriam. Estas novas ações estatais permitiram não somente melhorias internas, mas também no setor externo que garantiram boa repercussão internacional.

A política desenvolvimentista de JK não melhorou apenas o sistema político, mas ajudou também as Forças Armadas com novos recursos bélicos, transporte, comunicação, os trabalhadores tiveram aumento em seu poder aquisitivo fazendo parte do grupo de consumidores, que ajudou a economia interna, tudo isso em consequência de novos produtos entrando no mercado e expandindo a indústria brasileira (FILHO, 2013).

O Plano de Metas elaborado por Kubitschek como principal ação política e estratégica contou com trinta e um metas divididas em seis setores e passos. Da meta 1 a 5, destinava-se ao setor energético a partir da necessidade de desenvolver-se em todas suas fontes, dentre elas a melhoria na produção de energia elétrica, nuclear, carvão e também ao refino de petróleo. O setor de transportes estava nas metas 2 a 12, a partir da necessidade de reativar estradas de ferro, levando em conta a estrada que ia até a nova capital, estradas de rodagem, portos, barragens, marinha mercante e aviação. O setor alimentício do décimo terceiro ponto até a 18ª meta, buscava corrigir e melhorar a armazenagem e silos, melhorar a produção do trigo, desenvolver a tecnologia nos campos, nos frigoríficos e matadouros (SILVA, 2000, p. 79).

As indústrias de base ficaram entre as metas 19 e 29, a exploração e extração de todos os recursos minerais em abundância por todo o território brasileiro que conta com alumínio, metais não-ferrosos, álcalis, exportação de ferro, etc. Estas metas também estavam direcionadas à indústria de automóveis e construção naval, máquinas pesadas e material elétrico. Matérias-primas a partir dos recursos naturais como papel e celulose, e borracha também foram pontos destas metas.

A educação e sua melhoria foi apurada na 30ª meta. Desenvolvimento humano a partir de boas estruturas nas escolas para alunos e professores. E por último, a meta 31 era a construção de Brasília, que tornou-se o marco, a meta-síntese do plano de metas elaborado por JK.

O maior símbolo do otimismo dos “anos dourados” do governo de JK foi o Plano de Metas sintetizada como meta principal a construção de Brasília e mais tarde sua transição do Rio de Janeiro à nova capital, a partir dos anos 1960.

Para Sarmiento (FGV), o governo de Juscelino Kubitschek estabeleceu condições favoráveis aos compromissos da implementação do Plano de Metas através de sua política econômica. A prioridade era desenvolver a economia contando com grande apoio de trabalhadores, empresários, militares que estavam simpatizantes com a ideologia nacional-desenvolvimentista. Porém, de outro lado, também enfrentou a oposição de alguns setores internos e de alguns organismos internacionais que estavam favoráveis a uma política rígida que estabilizasse o país, já que encarava um cenário econômico nada favorável.

A construção de Brasília gerou muitos empregos e uma onda migratória à Goiás, que mais tarde tornou-se o Distrito Federal. A nova capital foi planejada para aqueles que buscavam por uma vida melhor na nova capital, um novo início. Um projeto tão imponente como a construção do zero de uma cidade que viraria a capital teve grande atenção dos brasileiros e da comunidade internacional.

Levar a capital ao interior do país fazia parte de uma estratégia de segurança nacional, já que o Rio de Janeiro, por estar na costa, facilitava um possível ataque, levando em consideração que foi planejada diante ao conflito da Segunda Guerra Mundial, então dificultaria a invasão pelo litoral já que a capital estaria a um mais longo alcance. Contou também com a interiorização do desenvolvimento, já que o Centro-Oeste era até então pouco povoada e não era desenvolvida economicamente, pouco se aproveitava do espaço para produzir. A ida da capital ao interior do Brasil não obteve tantos resultados esperados para a região, como podemos observar atualmente, porém não é de se queixar os efeitos que obtiveram sucesso, que contribuíram para seu sucesso.

Durante a construção de Brasília muito foi comentado devido ao seu elevado custo tanto para sua construção e manutenção quanto para a mão de obra. Ao final

do projeto proposto por JK e também de seu mandato como presidente, o Brasil contava com uma alta inflação devido à construção da nova capital. Foram vários fatores econômicos do projeto que fomentaram e desencadearam o déficit, porém os custos de Brasília foram os que impulsionaram para a alta inflação.

Apesar dos impasses, no dia 21 de Abril de 1960 a cidade de Brasília, idealizada por JK, foi inaugurada com muita festa e euforia.

3.2.2 A Operação Pan-Americana

Em meio a tanta turbulência política e econômica, Kubitschek lançou a Operação Pan-Americana em 1958, que tinha o compromisso de vencer o subdesenvolvimento que tiraria o país do atraso não apenas internamente, mas também nas relações com os países.

Embora as relações entre América Latina e Estados Unidos estivessem se deteriorando devido ao momento de extremo nacionalismo e do antiamericanismo recebendo denúncias do seu imperialismo sobre o continente, o nacional-desenvolvimentismo presente nos projetos de JK contavam com a força do capital estrangeiro já que a conjuntura internacional era favorável a estas práticas.

Assim, o autor e professor Clodoaldo Bueno (2011, p. 310) aponta que a política externa foi fundamental para a cooperação internacional no crescimento do país. A confiança do mercado de capitais significaria aos investidores estabilidade política a partir da ascendência no desenvolvimento econômico juntamente à política.

Desse modo, a frente externa ocupou lugar fundamental na luta contra o subdesenvolvimento, o que deu novo alcance e significado à política externa. Sem abandonar os princípios jurídicos e os ideais internacionais pelos quais a política externa brasileira sempre lutou, essa frente contra o subdesenvolvimento teve seu campo de atuação ampliado de modo que atendessem às necessidades colocadas pelo processo de desenvolvimento nacional e aos "imperativos da competição internacional" (BUENO, 2011, p.310).

No ano que a Operação Pan-Americana foi criada, 1958, as relações entre Estados Unidos e América Latina pediam revisão e a proposta por Kubitschek era para atualizar suas relações entre dois segmentos: o econômico e a solidariedade

política. Em um momento no qual o contexto da Guerra Fria divide o mundo entre socialista e capitalista, a intenção de JK era elaborar boas políticas para preservar o desenvolvimento conjunto da América Latina e não a imposição econômica sobre eles, já que nas circunstâncias passadas esta imposição sob seu desenvolvimento estancou os países envolvidos.

Para Bueno (2011, p. 313) o OPA destinava-se à luta contra o subdesenvolvimento em sentido global, não apenas econômico. Para Juscelino Kubitschek, o OPA não tinha essência política nem econômica, e sim que se complementam.

O ajuste proposto pela OPA transcendia dos limites da política continental para ajustar-se às novas modalidades da cooperação necessária entre os países. A operação teve grande importância já que queria garantir o espaço da América Latina no cenário global visando seu desenvolvimento e crescimento conjunto não apenas na economia, mas também nos setores da política, desenvolvimento humano, cooperação, etc, em prol da cooperação continental americana.

O OPA despertou na diplomacia brasileira um senso de que era quase impossível ter um alinhamento político e autonomia estatal, já que o Brasil a partir da década de 1930 buscava por uma emancipação industrial e pelo nacional-desenvolvimentista, porém, isso demandava uma certa dependência de outros Estados mais influentes como os Estados Unidos. Alinhar propostas para garantir sua autonomia foi o exigido do Brasil naquela época, então, a aproximação entre Estados Unidos e Brasil deu-se através da operação Pan-Americana.

A intenção do Brasil era buscar por sua autonomia e independência para se desenvolver, porém fazer isso seria através de políticas paralelas aos norte-americanos. Reafirmar a parceria EUA-Brasil, depois da instabilidade do final do governo de Vargas, por Kubitschek foi um fator fundamental neste processo, já que continuaria a trajetória iniciada na década de 1930 por Vargas. Conciliar investimento estrangeiro com o desenvolvimento do Brasil (SILVA, 1992, p 15).

Vale destacar que este processo de aproximação entre os dois países foi muito planejado pelos políticos da época. O presidente dos Estados Unidos na época, Richard Nixon, compareceu à posse de Juscelino Kubitschek em 1956. Mais tarde o presidente estadunidense, para firmar a OPA realizou, no ano de 1958, uma

viagem pelos países da América Latina, como Uruguai, Paraguai, Argentina, Peru, Bolívia, entre outros, incluindo o Brasil, novamente.

As diretrizes firmadas por Nixon em sua série de visitas aos países sul-americanos foi uma “operação resgate” (SILVA, 1992, p. 16) através de relações públicas entre governos incluindo a diplomacia em si. Sabendo das intenções dos países do Sul, o presidente foi precavido ao reafirmar e retomar as relações diretas já que todos buscavam pela integração e cooperação econômica. Com isso, inicia-se um diálogo mais direto entre os países latino-americanos com os Estados Unidos.

3.3 A sociedade e a cultura dos anos dourados

A afirmação da identidade nacional era propagada a partir dos meios culturais presentes na sociedade brasileira. Em um momento no qual a cultura norte-americana fixava seu *American way of life* nas culturas latino-americanas, uma contracultura foi firmada com movimentos nacionalistas nas artes. Podemos citar a Bossa Nova como um exemplo de influência norte-americana em sua formação artística, porém, ao passar por uma série de aperfeiçoamentos caracterizou-se um estilo originalmente brasileiro.

As raízes são estadunidenses, mas o caráter era brasileiro, as músicas da época traziam grande representatividade brasileira para um estilo musical que atendesse às necessidades de criar uma identidade nacional. A partir disso, a dissipação de um novo estilo deu a sociedade o início de sua promoção cultural por todo o Brasil e no exterior.

Para Buzzar (p. 4) a produção cultural moderna unifica a sociedade e sua própria cultura, principalmente com a participação de intelectuais, como por exemplo os artistas, sendo assim um segmento do projeto da nação brasileira desenvolvido neste período do século XX. Dessa forma, para o autor, a arte e a arquitetura explicavam o futuro da nação através da modernidade nos variados ramos da arte, de maneira que indicava uma correção cultural.

O teatro, a música e o cinema brasileiro tiveram uma reação nacionalista diante ao avanço cultural estadunidense, estes tornaram-se mais do que nunca

ativos revolucionários na cultura brasileira em busca de sua confirmação nacional. Dentro dessa nova fase, o teatro ganha novas faces importantes que tornaram essa época essencial para a ascensão nacional da própria cultura brasileira, o que permitiu que fosse inserida no âmbito internacional firmando-a como identidade do Brasil.

Segundo Souza (p. 1), os debates relacionados à modernização iam além do desenvolvimento econômico, e também contava com a ideia do cosmopolitismo presente no âmbito cultura. Devido a isso, o Brasil contava com uma enorme capacidade de transformar sua referência cultural da ideia que tinha-se sobre o país em uma reprodução estética estrangeira para uma arte inovadora inspirada no próprio país.

Essa liberdade cultural permitiu a crítica social que incentivou a produção artística, dando um ar romântico ao orgulho de ser brasileiro e ter sua cultura apoiando a própria sociedade em suas necessidades. A cultura também repercutiu nos estudantes jovens. Estudantes ligados à UNE (União Nacional dos Estudantes) fundaram o Centro Popular de Cultura que pretendia levar a conscientização da política e levar cultura aos trabalhadores através da arte. Esse movimento estudantil contava, inclusive, com o apoio de artistas e intelectuais.

Ao longo da década de 1960, houve críticas e aplausos ao novo ritmo musical. As críticas vinham em função da influência de estilos musicais norte-americanos, por outro lado, a excitação de transformar a Bossa Nova em um sucesso comercial trazia novas oportunidades de expressão brasileira sendo apreciada por outros países.

A produção artística contava com acadêmicos, jovens e artistas já formados, a participação popular era de toda faixa etária e sua inovação musical era formada por uma base de influência da moda musical, que eram os estilos norte-americanos, mas também contava com a sonoridade do Rio de Janeiro, representando o estilo brasileiro.

3.3.1 A fama da Bossa Nova

A Bossa Nova foi um movimento musical que teve seu início na cidade do Rio de Janeiro na metade da década de 1950, que ganhou prestígio nacional e internacional, apresentando grande impacto cultural ao chegar nos Estados Unidos já na década de 1960. Embora contradizente para a época é inegável a influência norte-americana no estilo musical brasileiro, já que o projeto nacional-desenvolvimentista era caracterizado como a principal política. A Bossa Nova contava com fortes influências do *jazz* no início, porém a mistura de samba e *jazz* fundiram-se formando esse novo ritmo musical que agradou a brasileiros, devido à aproximação e representação da cultura brasileira, e a estrangeiros por sua melodia singular e tranquila.

Seu ritmo calmo conta com instrumentos de sonoridade calma e ao mesmo tempo contagiante pelo entusiasmo nas melodias, e suas letras abordam características da vida cotidiana da classe média, principalmente carioca, exaltando a beleza natural -o sol, o vento, o mar- e os sentimentos, acentuando sempre o amor e a paixão.

O que aproximou a Bossa Nova da população foi a representação da cultura e do cotidiano brasileiro à uma música. Utiliza-se linguagem coloquial em suas narrativas com letras poetizadas e bem elaboradas por novos artistas que surgiram e marcaram a cultura e a música brasileira no Brasil e no mundo.

3.4 O ISEB e o CPC e transformação da cultura brasileira

A associação do Instituto Superior dos Estudos Brasileiros (ISEB) com o movimento nacional-desenvolvimentista de Kubitschek na construção de Brasília tiveram pontos em comum que foram fundamentais para a alteração da capital do litoral para o Centro-Oeste brasileiro. O órgão foi criado na cidade do Rio de Janeiro em 1955, que estava vinculado ao Ministério de Educação e Cultura, porém tinha autonomia de liberdade de pesquisa, de opinião e administrativa. Seu funcionamento perdurou até 1964, com o início da Ditadura Militar no Brasil. Muitos dos integrantes foram exilados.

O núcleo era destinado aos estudos das ciências sociais em todas as suas fases e processos, como ao estudo, o ensino, a divulgação das mesmas entre os

que faziam parte do instituto ou para os que utilizavam do centro para desenvolver suas pesquisas. Os debates do ISEB estavam relacionados ao desenvolvimento do Brasil de forma que orientasse a burguesia na condução deste processo populista a fim de melhorar a economia, a cultura e a política do país. Para isso uma nova ideologia do desenvolvimento deveria ser apresentada para que a população confiasse em um novo processo público na gestão e na orientação das políticas públicas (BUONICORE, 2015).

Devido a alguns de seus integrantes adotarem discursos de esquerda, o instituto era classificado como socialista, buscando na verdade a transformação e desenvolvimento, também presentes na industrialização, como um meio para diminuir as contradições sociais, a fim de diminuir a desigualdade.

Durante o governo de Kubitschek, de 1956 a 1961, foram incentivadas pela tentativa de interiorização do Brasil e pelas propostas de modernização em todos os setores básicos do país. A transferência da capital do Rio de Janeiro para o planalto goiano, resultou na construção da nova capital, Brasília. Tais questões nacionais de desenvolvimento contaram com o apoio do ISEB, a partir das análises de seus intelectuais da época que buscavam exatamente o que propunha o Plano de Metas de Kubitschek com um quê socialista.

Os recursos públicos destinados ao instituto firmaram a ligação entre governo e a academia. Seus ideais eram semelhantes o que proporcionou acordos e concordância mútua no que diz respeito à orientação das políticas de governo, o que, por sua vez, possibilitaria a assessoria do instituto ao novo presidente. Essa aliança não foi estritamente relacionada aos recursos destinados ao ISEB pelo Ministério da Educação e Cultura, mas sim a sustentação da política a partir ideologia do desenvolvimentismo propostas pelo presidente.

Em sentido geral, o apoio do instituto para com as políticas públicas era em sentido geral, contudo, sobre a construção da nova capital gerou ora apoio, ora refutações. Os estudiosos da época apresentaram seminários, sempre relacionados ao nacional- desenvolvimentismo, que relataram a necessidade da construção da nação brasileira. Brasília seria portanto o início da formação desta nação a partir de uma nova capital, com um recomeço (OLIVEIRA, 2006, p. 493).

O simbolismo de Brasília não era apenas a construção de uma cidade e transferência de capital, por luxo. Para um dos atores do instituto, Roland Corbisier, o projeto de uma identidade nacional, a construção de uma nação e toda a dimensão ideológica presente nela presente tanto na ideia no nacional-desenvolvimentista quanto no seio do instituto, inspiraram o presidente Kubitschek à tarefa de desenvolver o ideal da nação brasileira.

A esse respeito, o período da construção de Brasília foi marcado sobre o caráter onipotente da obra de Kubitschek (OLIVEIRA, 2006, p. 498). Brasília era apresentada aos diversos públicos como algo que representava além de uma nova cidade, e mais além de uma capital. Seria aquela que redirecionava o futuro da nação pela qual foi destinada. O otimismo tomou conta do Brasil já que a “era JK” anunciava a unificação interna do país, responsável por levar o desenvolvimento às áreas mais remotas. Isso passava uma imagem de que o país iria ter uma transformação que iria além da realidade que se vivia naquele momento.

A construção de Brasília não afetou somente a transferência de capital, mas transformou o cenário social. O plano piloto -ou Brasília- do Plano de Metas expressava o surgimento de uma nova sociedade com base em suas relações sociais menos desiguais.

De certa forma, a estrutura formada no Plano de Metas e sua meta-síntese que era Brasília, foi a afirmação da inexistência de uma nação e muito menos uma identidade nacional. Segundo Oliveira (2006, p. 499), o desejo pela concepção da nação se confirmava a partir dos desejos expressados em imagens do vazio, do começo, do início, da falta de civilização e povoamento do interior a partir dos relatos reforçados pelo governo de Kubitschek, desde as locuções como a “nova era de progresso” do “novo Brasil” que se revela, entre outras evidências presentes nas propagandas organizada pela publicidade governamental.

Trazidas à tona naquele contexto, as imagens do período da construção começaram a adquirir um sentido simbólico explícito. Mas o mais importante era que estas imagens pareciam associar-se menos às estruturas da lógica científica que às estruturas das narrativas míticas. Dito de outra forma, o desejo de construir o Brasil, de fazer do país uma verdadeira nação etc. surgia paradoxalmente tanto nos discursos governamentais quanto nas análises intelectuais como guias para a reflexão e para ação (OLIVEIRA, 2006, p. 499).

Em síntese, essa ilustração parecia ser resíduo cultural fundamentado em seu funcionamento permanente como um fábula que articula a história brasileira, ou seja, essa estrutura sustenta as formas de agir e pensar de maneira representativa da população brasileira.

Os laços entre a ideologia do nacional-desenvolvimentista do plano de governo, que crescia devido ao populismo da época, buscando a afirmação da nação, e o Instituto eram estreitos já que ambos buscavam soluções para o avanço e desenvolvimento em todas as questões nacionais que estavam em pauta na época.

Nesse sentido, as mudanças na sociedade brasileira davam combustível para que tais mudanças acontecessem no cenário político, econômico e educacional do país. Sua complexidade diversificada resultava do crescimento da população urbana, aos avanços da legislação trabalhista, partidos políticos dos movimentos sociais, que favoreceram a mobilização popular.

O desenvolvimento foi a palavra-chave deste período no Brasil, durante a metade do século XX, por isso, o ISEB acreditava que para que houvesse a consolidação da nacionalidade e do desenvolvimento da economia, gerador de um processo emancipatório, apenas se a consciência nacional fosse mobilizada pela vontade plena pelo desenvolvimento econômico e social.

Embora nem todos concordassem com as estratégias do ISEB junto ao governo, algumas crises internas entre os integrantes sobre a economia internacional abalaram a estrutura acadêmica do instituto. Os desacordos estavam relacionados a uma ação menos acadêmica e mais engajada a ações públicas diretas.

Cabe destacar também que, na esfera cultural dos anos 1960, o uso das correntes povo e nação, ou nacional e popular ganharam espaço devido ao discurso anti-imperialista, que buscavam a autenticidade da cultura popular de maneira que revolucionou a música, intelectuais e artistas da época que buscavam pela afirmação cultural e de identidade.

A relação entre os intelectuais do ISEB com a cultura foi estabelecida devido à necessidade do engajamento cultural intenso para cooperar com a transformação

desejada naquele momento, já que seria o principal expoente dessa concepção caracterizando a sociedade brasileira representando suas mudanças e avanços.

O filósofo Álvaro Vieira Pinto foi um dos intelectuais que acreditavam no poder que a cultura exerceria sobre a população, tanto como apoio às mudanças como à representação. Vieira Pinto presidiu o instituto de 1962 a 1964, e sempre deixou muito claro seu apoio à educação e à cultura como forma de conscientizar a população para o desenvolvimento da nação.

A esse respeito, Martini (2009, p. 59) entende que a cultura pode aproximar toda a extensão populacional à realidade do país por ser um meio de manifesto artístico de união. Essa esfera foi paulatinamente relevante e fomentada por vários eusebianos e centralmente por Vieira Pinto.

Embora o ISEB tenha sido gestado no centro do Ministério da Educação Cultura era plenamente autônomo. A atividade política dentro do instituto era apenas um mecanismo para que as ideias fossem propostas ao governo e não ao revés, já que o centro era para estudos científicos e acadêmicos sobre a política e não da política sobre a academia. Entre idas e vindas em relação ao governo e aos gestores públicos, o instituto manteve-se entre o exercício público e a atividade intelectual, ele funcionou de maneira autônoma até a chegada da ditadura militar em 1964.

O ISEB apoiou a candidatura de Juscelino Kubitschek e de certo o presidente eleito se considerou em débito com os isebianos. Embora o instituto tenha tido divergências com o governo de Kubitschek, resultou um tempo depois, na oferta de cargos e funções políticas a muitos intelectuais (PEREIRA, 2002, p. 19). Estes rejeitaram a fim de cumprirem com suas funções e ideais de dentro do instituto. Dessa maneira a autonomia foi ganha por defenderem a relação e a postura que deveriam ter em relação ao Estados e aos governantes.

Para os isebianos a esfera cultural não era apenas uma questão “antropológica que influenciam na produção humana de determinada sociedade, mas também, e principalmente, seus aspectos que englobam as manifestações artísticas” (MARTINI, 2009, p. 60).

Para Vieira Pinto, a cultura despertava a consciência crítica das pessoas, primeiramente porque para o filósofo o cortejo pelo nacionalismo era um

artificialismo imitativo, característica de consciência ingênua. A consciência crítica para Vieira Pinto é a capacidade de compreender e entender a realidade da nação e contribuir para sua transformação. Dito isso, percebemos que o isebiano acreditava que a dependência do país não se concentra somente ao setor econômico, mas também cultural, político, social e até demográficas.

Para os isebianos, a partir da cultura, como um delineamento transformador, seria possível romper com o ciclo imitativo e artificial presente na cultura da sociedade brasileira na maneira de falar, vestir, se comportar, que música ouvir ou o que adquirir. Romper com estas características poderiam cooperar para a transformação econômica e social do país.

Dessa maneira, os pensadores do ISEB posicionam a cultura brasileira em um novo grau interpretativo, ou seja, a cultura não se restringe a uma expressão autêntica de um povo, ela demanda um processo de aceitação como um projeto de transformação. Tem-se aqui a ideia de cultura como um “vir a ser” (MARTINI, 2009, p. 60).

O instituto levava em conta todas as questões da sociedade: a economia, cultura, etc. E embora seus intelectuais acreditassem que estas questões pudessem ser analisadas separadamente, não era possível já que a realidade econômica de um país, seja ela desenvolvida ou não, resultava e influenciava todos os outros setores, como política e, principalmente, a cultura.

Portanto, a autonomia cultural está diretamente relacionada a um certo desenvolvimento econômico. Ou seja, independência econômica era também independência cultural, a primeira daria espaço para que a segunda fosse alcançada. A partir dessa independência cultural, as concepções sociais brasileiras mudariam tanto aos olhos internos quanto aos olhos de outros países, mudando a face do Brasil internacionalmente.

Em 1961, o Centro Popular de Cultura foi criado no Rio de Janeiro pela União Nacional de Estudantes (UNE), no qual um grupo de estudantes, intelectuais de esquerda reúne diversas áreas da cultura e seus artistas como a música, teatro, cinema, etc. com o objetivo de criar uma arte popular revolucionária para defender o caráter da arte e o engajamento político de artistas e da arte em si.

O objetivo do CPC era acabar com a alienação provocada pela “ingênua consciência” que levava a arte a um padrão repetitivo. Através da inovação da cultura e da educação, seria possível libertar a sociedade deste padrão, dando início a uma nova identidade à sociedade. O CPC contava com o apoio do PCB, já que este mesmo partido ocupava destaque nas questões populares. A forte mobilização política trazia um contexto de que os temas políticos tinham grande efeito sobre a produção cultural (GARCIA, 2004).

Mesmo com sua curta duração, o CPC teve grande influência sobre o movimento cultural da época, que buscava pela emancipação da cultura e do pensamento crítico em relação à arte e sua ligação com a realidade. O CPC foi extinto em 1964, também pelo começo da Ditadura Militar, que não permitia qualquer oposição ao governo ou às políticas impostas pelos militares, os líderes e chefes governamentais (BUONICORE, 2015).

Chamada de “maioridade cultural”, a independência econômica que levaria à independência e desenvolvimento da cultura e sociedade, tiveram reflexo em muitos movimentos relacionados ao ISEB, como o Centro Popular de Cultura (CPC) ligados à UNE, aos movimentos de cultura popular como a Bossa Nova e posteriormente o Tropicalismo.

Estes movimentos parecem estar relacionados de uma forma ou de outra a um processo de industrialização no país acompanhados de uma crítica ao poder das oligarquias (...) fator que de alguma maneira incentivava certo engajamento do artista e colaborava para que a arte fosse encarada como instrumento de politização (...) em alguns movimentos emergentes nos anos cinquenta existia uma proposta muito próxima dos Isebianos, no sentido de propor uma independência em relação ao Imperialismo, principalmente ao Imperialismo “cultural”. Haveria, naquilo que se convencionou chamar de nacional-popular, uma opção “realista” por mostrar as reais condições da gente mais desfavorecida (...) e muitas outras figuras representativas do povo brasileiro (MARTINI, 2009, p. 62).

Neste sentido, a concepção destes movimento por parte dos artistas da época cooperaram para a transformação histórica e social a partir das músicas e novas influências organizadas no CPC juntamente ao ISEB. O público universitário da UNE que se juntou ao CPC foi a voz dos jovens da época que iam contra a cultura imperialista. E o ISEB de certa maneira “aconselhava” as políticas governamentais através da sua influência e colaboração com o Ministério da Educação e Cultura.

A participação destes dois núcleos possibilitou as transformações culturais da época que capacitaram a percepção intelectual da época ao que interessava: desenvolvimento econômico, cultural e nacional. A busca pela identidade nacional só seria finalizada com o desenvolvimento na educação, na política, na economia, na cultura e sua emancipação aos costumes que perduram até os anos 1940. E a partir disso, o nacional-desenvolvimentismo de JK seria possível se houvesse a capacitação de todos os setores públicos para que evoluíssem e pudessem se desenvolver.

3.5 A arquitetura de Niemeyer no Brasil e no mundo

Brasília é sinônimo de modernização e inovação, e ao citar a capital é impossível não pensar em sua arquitetura que foi tão imponente na época. A inovação brasileira firmada e presente no nacional-desenvolvimentismo presente da época foi importante para a cidade, mas também para a arte, já que estes artistas cooperavam entre si naquilo que acreditavam para as políticas públicas e as mudanças recorrentes.

O arquiteto de Brasília e responsável pelos monumentos mais importantes da capital, Oscar Niemeyer nasceu na então capital Rio de Janeiro no ano de 1907, é considerado o arquiteto-chave do desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil. Lúcio Costa, outro arquiteto da cidade, também cooperou para a cidade e sua construção, porém as obras de Niemeyer ganharam fama devido aos monumentos totalmente inovadores que ganharam notoriedade nacional e internacional (VILLAMÉA, 2010).

No ano de 1956, foi convidado por Juscelino Kubitschek para projetar os prédios públicos de Brasília tais como o Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, a Catedral de Brasília, entre outros. Em 1957, o concurso para eleger outro arquiteto que auxiliaria a projetar a nova capital, promovido por Niemeyer acabou selecionando um velho amigo do arquiteto, Lúcio Costa, que ficaria responsável pelo desenvolvimento do plano da cidade, enquanto Niemeyer aos projetos dos edifícios principais.

A contribuição da arquitetura moderna de Niemeyer expressou a busca pela identidade nacional que cresceu nas décadas da primeira metade do século XX e que se consagrava em todos os setores de arte a partir de sua modernização e caracterização generalizada.

O caráter nacional na produção cultural, evidentemente, não é uma questão de fácil definição e não guarda uma sincronia absoluta entre as várias disciplinas artísticas. Entretanto, ele pode ser interpretado como a contrapartida superestrutural, ou seja, no campo da cultura, que procurou estabelecer legitimidade e substância históricas para o ingresso periférico do país na modernidade. Desta forma, o modernismo seria articulado através de elementos capazes de estabelecer uma identidade local, qualificando a modernização econômica necessária (BUZZAR, p. 2).

É importante notar que este tipo de representação internacional da capacitação brasileira demonstrava aos países a inserção do Brasil ao passo que mostrava sua modernização nas artes e arquitetura. Estas as quais mostravam o desenvolvimento do Brasil e também a maturidade do país representada pela aparição de indivíduos, artistas brasileiros que influenciaram a cultura e arte brasileiras e sua difusão mundo afora.

4 OS SÍMBOLOS DO BRASIL E A DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA

Este capítulo busca compreender as questões políticas anteriores que moldaram o cenário doméstico do Brasil e como estas ganharam repercussão para a nova identidade brasileira que vinha se formando. Alguns artistas tomaram frente deste movimento pela identidade nacional através da Bossa Nova e como estes foram símbolos importantes para a fixação da cultura brasileira no cenário internacional.

O forte predomínio dos modelos sociais estadunidense no Brasil na década de 1940 foi propiciado pela guerra que acontecia na época e pelos acordos estabelecidos por Getúlio Vargas com o governo norte-americano. A abertura de mercado para as importações fez com que as massas se atirassem às compras segundo o modelo capitalista norte-americano, mas que tinha grande caráter modernista, o que incentivava a sociedade a ir às compras por bens de consumo (CONTIER, 2005, p. 3).

Não apenas a moda e novos aparelhos foram introduzidos na sociedade, mas também que as manifestações culturais populares ganham espaço com o segundo governo de Vargas, no início da década de 1950, foi marcado pela tentativa de recuperar o nacionalismo brasileiro que se encontrava certamente frustrado devido às crises e impasses da época no país.

Já no governo de Juscelino Kubitschek, o forte sentimento nacionalista marcava uma nova etapa do progresso brasileiro, o que fortaleceu as mudanças estruturais e culturais do país traçando novos horizontes para a sociedade a ao país. Estas questões abraçavam as mudanças sociais que garantiam a tão famosa e requisitada modernização.

Podemos perceber que a modernização do país juntamente com o nacionalismo estiveram presentes no eixo Rio - São Paulo, graças à arte que ia de encontro a estas características recentemente introduzidas na sociedade. Este movimento chamado concretismo brasileiro, foi pautado nas questões de especificidade da arte no processo de informação, na irredutibilidade aos conteúdos ideológicos e à objetividade em seus modos de produção. De acordo com Contier (2005, p. 4) ao citar Brito (2002, p. 36) relata este movimento pela maneira como

ficou marcado por sua linguagem geométrica, caracterizado pelo racionalismo na ideia do desenvolvimentismo e ao crescimento das cidades urbanas, juntamente às indústrias.

Neste contexto, ao final da década de 1950, foi introduzida a Bossa Nova, de João Gilberto com “Chega de Saudade”, um fenômeno inusitado que foi inicialmente refutado para mais tarde ser aclamado por sua linguagem expressiva presente na arte musical. A Bossa Nova apareceu em um contexto de pós-guerra, por um grupo de jovens. A percussão de caráter norte-americano veio do *jazz*, estilo nascido no sul dos Estados Unidos, porém com um toque de samba, introduzindo a música popular das cidades brasileiras, deixando o novo estilo musical com caráter nacional.

Os jovens da classe média carioca que já vinham introduzindo o estilo nas ruas do Rio de Janeiro eram Nara Leão, Tom Jobim, Roberto Menescal, entre outros. Faziam apresentações do *jazz* em boates com os instrumentos como o piano, saxofone, baixo, bateria, que especializaram em um tipo de ritmo misto pela junção do samba e do *jazz*.

A esse respeito;

A grande inovação, porém, veio de um baiano de Juazeiro – João Gilberto, descoberto em uma boate de Copacabana que chamava a atenção com improvisos e acordes compactos - o chamado violão gago. Assim, observa-se na estrutura de composição harmônica e rítmica da Bossa Nova, uma inovação na ambiência musical. Essa estrutura intimista representava a evolução de uma música de câmara muito mais voltada à intimidade de espaços pequenos, uma característica de zonas urbanas com maior densidade demográfica como a que se apresentava na cidade do Rio de Janeiro em bairros como o de Copacabana (CONTIER, 2005, p. 5).

Entretanto, alguns nacionalistas mais radicais da época acreditavam que a Bossa Nova era apenas uma representação de “modismo” devido às influências do *jazz* e da música erudita, desclassificando-a como representação e manifestação da música popular e brasileira. Isso ocorreu já que o estilo foi formado e promovido por um grupo social da burguesia carioca que representaria as raízes brasileiras sem ter ao menos contato com elas, devido ao seu afastamento isolado à elas. Nesse sentido, pode-se destacar que:

O Sucesso de *Chega de Saudade* deixou muita gente de orelha em pé; um grupo de jovens músicos começou a seguir a mesma trilha aberta pelo João Gilberto, mas faltava um rótulo para designar a música feita por essas pessoas. Existem várias versões que explicam o surgimento do termo Bossa Nova, a mais plausível é que um jornalista do Rio, Moisés Fuks, usou a expressão para divulgar um dos primeiros shows de Bossa Nova na cidade, ainda em 1958, no

grupo universitário Hebraico. O termo usado genericamente para designar um jeito novo de alguma coisa, passou a representar um tipo de música (VIDAL, 2008, p. 26).

Nesta época os jovens estavam em ascensão social devido ao crescimento e desenvolvimento social e econômico que aconteceu durante a presidência de Juscelino Kubitschek. Com ênfase nos universitários, os jovens estavam mais ativos nas questões econômicas, sociais, políticas e culturais do que antes, portanto, sua participação e apoio inspiraria outros jovens universitários a também buscar por estas novas oportunidades. De certa forma, a nova cultura seria inspirada pela juventude que crescia, ou seja, a nova cultura dependeria de suas influências e esforços para ser consolidada.

Embora tenham tido forças contra essa revolução musical, a Bossa Nova ganhou força não somente em território nacional, mas também internacional. Alguns símbolos dessa fase revolucionária da identidade nacional presentes na cultura e na música serão apresentados a seguir para demonstrar como a influência deste estilo musical foi impactante na história do Brasil e sua inserção cultural internacionalmente.

4.1 A arquitetura singular de Oscar Niemeyer

Os diversos integrantes que participaram dos novos movimentos da cultura e da arte nessa época foram essenciais para a transformação da sociedade brasileira. Devido ao grande impacto destas personagens históricas há mais de meio século atrás, ainda traz inspirações, influências e efeitos dos artistas da época. Cabe destacar que todas as áreas que envolvem o desenvolvimento social, a academia, as artes, cultura, música, foram fundamentais.

Não podemos citar a ascensão da nova cultura brasileira sem citar grandes mestres como por exemplo Oscar Niemeyer. O arquiteto teve inúmeras e as mais variadas participações no novo Brasil e sua nova identidade. Desde a construção de Brasília, até as questões culturais relacionadas à música.

As obras de Niemeyer são intrigantes. O arquiteto ganhou notoriedade internacional por suas obras inovadoras. Niemeyer deixava muito claro que sua arte era por sua inspiração nas curvas da mulher, um artista observador e capacitado

para projetar inovações. As diversas obras espalhadas pelo Brasil, antes mesmo da construção de Brasília, foram o começo de sua fama como arquiteto. E após a construção de Brasília, seu engajamento ligado à política marcou sua vida no começo da ditadura militar, quando foi impedido de trabalhar por fazer parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB), então decide mudar-se para a França. O início da ditadura foi um marco para Niemeyer que estava inconformado com seus amigos e colegas desaparecendo, ou sendo interrogados (VAZ, 2012).

Os convites de instituições e museus europeus para expor sua arquitetura fizeram com que Niemeyer mudasse à França e abrir um escritório na avenida mais conhecida de Paris, a Champs-Elisée. A partir disso, o arquiteto desenvolve inúmeros projetos na Europa e sua arte torna-se muito requisitada em países como Portugal e Espanha, que admiravam a arquitetura de Niemeyer.

A produção e inserção internacional do arquiteto não tiveram início nos anos 1960, época da construção de Brasília, já que havia exposto alguns trabalhos nos Estados Unidos na década de 1930. Contou também com um grande marco para a representação da arte brasileira a escala internacional, tendo como exemplo a construção da sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York em 1947.

Niemeyer participou da construção juntamente com outros dez arquitetos selecionados para projetar a sede da organização internacional, um marco importante nas relações internacionais já que a ONU viria para garantir a paz entre os países que haviam participado das duas Guerras Mundiais mais cedo no século XX. Embora Niemeyer tenha tido um grande impasse com o arquiteto Le Corbusier que o fez desistir parcialmente do projeto, o resultado da sede foi fruto de suas propostas.

Devido ao grande prestígio em suas obras não é à toa que ganhou notoriedade e fama em âmbito nacional, influenciando e participando de diversos movimentos musicais, artísticos, políticos, etc., como também impacta as artes internacionais. A imagem do Rio de Janeiro, e conseqüentemente do Brasil, foram representadas na participação de Niemeyer em grandes obras Brasil afora. Assim:

A arquitetura de Oscar Niemeyer é caracterizada por uma limpeza dos traços e linhas sinuosas que resultam num formalismo plástico único (...) as curvas sensuais de suas obras, segundo o próprio Niemeyer, inspiradas no corpo da mulher carioca, vêm de encontro com a aura de

natureza exuberante do Rio de Janeiro, presente também nas letras da Bossa Nova (VIDAL, 2008, p. 65).

A arquitetura de Niemeyer está fixada em vários cantos do mundo. Seus projetos eram muito requisitados em diversos países como na Universidade de Haifa em Israel, desenvolvida em 1964, durante uma temporada na Argélia desenvolveu outro projeto na Universidade de Constantine no ano de 1969, em Milão na Itália, também teve um projeto bem elaborado para a sede da Editora Mondadori no ano de 1968, entre muitas outras espalhadas pelo mundo.

4.2 A parceria Tom Jobim e Vinícius de Moraes

Em um contexto mais amplo que a música, a cultura e a sociedade, observamos que o relacionamento de amizade entre Tom Jobim e Vinícius de Moraes foi um marco que provocou e fortificou o movimento da Bossa Nova. Muitos dos acontecimentos na produção cultural fazia com que a simpatização entre artistas gerasse parcerias, já que muitas destas amizades ou laços eram caracterizadas pela mesma influência econômica, política ou social que adotam esse laço para buscar por um mesmo resultado, a amizade entre Jobim e Moraes colaborou para que a produção cultural se fundisse aos acontecimentos da época para firmarem o novo estilo musical brasileiro em sua história, através da dinâmica dos artistas.

4.2.1 Vinícius de Moraes

Em 1913 na cidade do Rio de Janeiro, nasce Vinícius de Moraes. Com divergentes manifestações de arte por parte de sua família, interessou-se pela música desde pequeno e sempre esteve envolvido com ela. Já desde jovem, aos 13 anos, compõe com seus amigos e irmãos. A partir da infância interessado pela arte, reflete seus resultados no ano de 1928, quando com os irmãos compõem músicas que alcançaram grande sucesso popular.

Moraes inicia seus estudos no ano de 1930 no curso de Direito na Faculdade de Direito do Catete, a atual Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal

do Rio de Janeiro, e se gradua no ano de 1933. Após um tempo de formado, ganha uma bolsa do governo britânico, e vai para a Inglaterra estudar literatura e língua local na Universidade de Oxford no ano de 1938 (BRAMBILLA; GARCIA, 2009, p. 69).

Neste final da década de 1930 e início dos anos 1940, Moraes casa-se e nos anos seguintes nasceram seus filhos. Em seguida, realiza uma viagem pelo Brasil com Waldo Frank, um escritor estadunidense que muda radicalmente a visão de política de Moraes que se torna um homem de esquerda, e a se denominar comunista.

Tenta ingressar à carreira diplomática no ano de 1942, mas é reprovado. Tentou novamente no ano de 1943, quando finalmente ingressa às práticas de política externa aos 29 anos de idade, no cargo inicial no Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty, pelo então presidente Getúlio Vargas. Três anos mais tarde, em 1946, foi indicado para a vaga de vice-cônsul nos Estados Unidos na cidade de Los Angeles, na Califórnia, onde permaneceu por cinco anos.

Morar nos Estados Unidos enquanto diplomata brasileiro deu a Vinícius a oportunidade de se aproximar de artistas brasileiros que faziam sucesso no estrangeiro, como por exemplo Carmen Miranda, e conheceu também personalidades internacionais, como cineastas norte-americanos e artistas. Teve a oportunidade de acompanhar algumas montagens cinematográficas hollywoodianas. Em 1950, seu pai falece, que o faz retornar ao Brasil, aumentando suas produções musicais.

Anos mais tarde, em 1953, Vinícius muda-se para a França para exercer o cargo de segundo-secretário na embaixada brasileira em Paris. Em sua passagem pela inspiradora cidade francesa, frequentava os círculos culturais da capital. Em 1956, voltou ao Rio de Janeiro o que permitiu que dedicasse seu tempo para trabalhos com a música popular brasileira.

Nesse período, convida Antonio Carlos Jobim para compôr uma música para a peça Orfeu da Conceição. Isso deu início a uma grande parceria que criaria a renovação da música popular brasileira e sua fama ao redor do mundo com o novo estilo, conhecido como Bossa Nova. O resultado não foi apenas uma parceria, mas

garantiu que os dois se tornassem grandes amigos, o que colabora mais ainda para a ascensão do estilo a partir de suas dedicações ao movimento.

A respeito da parceria com Tom Jobim, cabe destacar que:

A parceria com Tom Jobim começou em 1956, quando Vinicius procurava um músico para fazer as canções da sua peça teatral “Orfeu da Conceição” (...) Vinicius vive um momento de reflexão e desejo de mudança ao encontrar Tom Jobim. A parceria se funde com uma grande amizade, expressa em crônicas e cartas. Nestas, o tratamento é sempre muito próximo: Tomzinho querido, Maestrinho querido, Querido Vini. Foram peça fundamental na inauguração de um novo ritmo musical e um dos mais importantes movimentos da música popular brasileira: a Bossa Nova. A canção “Chega de Saudade”, de 1958, é o marco inicial do movimento, por sua letra inusitada e simples e pela novidade do violão de João Gilberto (BRAMBILLA; GARCIA, 2009, p. 72).

Dessa forma, essa parceria entre Tom e Vinicius moldou a Bossa Nova na perspectiva que ambos tinham em relação à sociedade brasileira, principalmente a carioca, e colocavam as mudanças temporais em suas letras e ritmos. A amizade que se formou através da música transformou a Bossa Nova em um estilo contagiante não apenas pela inovação, mas também porque a relação entre os autores-compositores fez com que suas músicas se tornassem grandes sucessos no Brasil e fora.

Conforme as obras ganharam maior repercussão, com o passar do tempo, Vinicius conseguiu promover uma boa imagem do Brasil para fora dele. O espírito positivo e sempre otimista do poeta destacou a cultura brasileira como uma síntese do estilo africano e europeu, tão divergentes, mas que funcionavam muito bem nas mãos de Vinicius. A difusão alegre de estilo afetivo, sempre falando de amor e geralmente em relação à mulher amada, fez com que o novo estilo fosse valorizado dentro e fora do país (FONSECA, 2013).

Assim, a construção de uma nova identidade brasileira vinha sendo formada ao passo que os novos poetas e artistas cresciam, aperfeiçoando a arte através da música, do teatro e do cinema. A definição e inserção da cultura brasileira em território nacional e internacional, no entanto teve impasses, já que foi um processo de longo prazo iniciado desde o começo do século XX que vinha se diversificando ao longo dele.

Embora tenha feito parte do corpo diplomático do Itamaraty, Vinicius nem sempre concordava com as medidas tomadas pelo ministério, até mesmo porque vinha tendo posições políticas contrárias ao que se era esperado do Brasil já que os

Estados Unidos queriam seu apoio. Não é de se deixar passar, inclusive, que no início da ditadura militar no Brasil, Vinícius foi exonerado do cargo e exilado do país.

A relação entre o Ministério das Relações Exteriores com a música e com a cultura suscitou muitas polêmicas, através das quais os artistas acusavam o Itamaraty de não fazer nada para a favorecer a divulgação musical tampouco o cinema, até suspeitavam de que eram contra tal divulgação trabalhando contra o esforço pela promoção dos próprios artistas, poetas, músicos brasileiros com suas artes pelo mundo.

A esse respeito:

Vinicius de Moraes era funcionário público, servia ao Itamaraty, onde prestou serviços diplomáticos durante 26 anos, e no início dos anos de 1950 prestou serviços burocráticos na sede do Ministério das Relações Exteriores. Conciliou o cargo público e a produção artística, que no seu caso perpassava não só a música, mas a literatura, o cinema e o teatro. Tom Jobim, no entanto, desde o início dos anos de 1950 viveu da música (VITAL, 2008, p. 23).

Em um momento, Vinícius chegou a acusar o corpo diplomático de obstruir a divulgação da música popular brasileira e do cinema para o exterior, principalmente em relação ao lançamento de seu filme *Orfeu Negro*, que contava com o roteiro do próprio Vinícius, trilha sonora composta por ele e seu amigo Tom Jobim, participação dos melhores intérpretes da música popular da época, gravado no Rio de Janeiro com um elenco cem por cento negro. Foi premiado e distribuído ao redor do mundo, foi um verdadeiro vetor para divulgar a música popular brasileira, porém, segundo o próprio Vinícius de Moraes dizia que os filmes não correspondiam aos critérios desejados pelo Itamaraty.

O filme tinha vários ótimos e renomados artistas no elenco, mas nem sequer mostrava as belezas da cidade brasileira, nem o Copacabana Palace, nem nada que mostrasse a riqueza do Brasil. Como isso seria promovido mundo afora? O Itamaraty queria promover o país para que tirasse sua fama de país pobre e subdesenvolvido, queria mostrar que estava no caminho certo para a modernização. Muitas vezes entendidos como filmes errados, já que não mostravam a beleza carioca. Era acreditado que o filme sequer deveria ter ido para o festival de cinema em Cannes, por se tratar da vida na favela. Quem iria querer ver isso? (FLÉCHET, p. 244). Assim;

Infelizmente, a pesquisa realizada no Arquivo Histórico do Itamaraty não permitiu esclarecer a polêmica. O contraste radical entre a acusação retrospectiva de Vinicius de Moraes – que pode ser atribuída, em parte, ao seu afastamento do Itamaraty – e a tentativa de justificação – pouco hábil, senão suspeita – do embaixador não autorizam conclusões definitivas sobre o episódio. Contudo, a polêmica é de grande interesse para a história da diplomacia cultural brasileira. Com efeito, enquanto Lima Barreto denunciara a falta de propaganda no início dos anos 20, o debate dos anos 50 não tratava da existência, mas do conteúdo da política musical do Itamaraty. Além dos batiques de *Orfeu negro*, a polêmica questionava as *partituras da identidade* e o lugar do popular na construção da imagem musical *oficial* do Brasil no mundo (FLÉCHET, p. 244).

A verdade é que Vinicius colaborou para que o nome e a cultura do Brasil fossem levados para fora e embora tenha tido impasses ao longo dessa jornada, conseguiu ir contra qualquer força contrária. A Bossa Nova é um marco disso já que desde aquela época já agradou o público interno e externo. Mesmo com todas as críticas, a bossa nova difundiu-se, sendo sua própria propaganda e por si só conseguiu se promover.

4.2.2 Tom Jobim

Nascido no Rio de Janeiro no ano de 1927, Antônio Carlos Jobim, ficou conhecido e renomado por seu nome artístico Tom Jobim. Foi compositor, cantor, pianista, maestro, violinista brasileiro e um dos criadores do movimento da Bossa Nova. Tom Jobim é considerado um dos artistas mais importantes para a cultura e música popular brasileira.

Nos anos 1950, Tom Jobim trabalhou como pianista de Copacabana em período noturno. Não cantava samba, mas sim boleros e canções francesas, *hits* do momento. Para conseguir pagar suas contas, tornou-se prisioneiro do que chamava “cubo das trevas”, referindo-se ao ambiente escuro das boates. Manteve esse ritmo até quando adoeceu e decidiu se tornar um músico diurno, trocando a noite pelo dia. De certa maneira, essa transição de Tom Jobim nos dá uma metáfora da transformação da música brasileira da época, que saía da música dos anos 1950 em rumo à ensolarada, alegre e moderna Bossa Nova que estava por vir. As primeiras músicas de Tom expressavam essa mudança, alcançando grande sucesso a partir delas. (SILVA, p. 2).

Em parceria com Newton Mendonça, alguns de seus primeiros sucessos foram no ano de 1956 com as obras “Teu Castigo”, “Caminhos Cruzados” e “Só Saudade”. Muitas das músicas melancólicas de caráter abatido podem ser inspirados na falta que Tom Jobim sentiu com a ausência de seu pai. Assim como todo artista que inspira sua arte na ausência, na tristeza ou na felicidade e amor. De maneira única, ambos podem ser notados dentro do estilo da bossa nova. Mais tarde, trabalhou juntamente a Vinícius de Moraes na peça “Orfeu da Conceição”, que seria, posteriormente, transformada em filme. Com o início dessa parceria, várias músicas seriam produzidas em seguida que alcançariam notória fama e sucesso, como “Canção de Amor Demais”, “Janelas Abertas”, “Modinha”, etc.

A autoria de seus arranjos teve grande influência na evolução da Bossa Nova quando compõe para João Gilberto a música, uma das mais famosas do estilo da Bossa Nova, no ano de 1959. Em 1964, suas parcerias trariam cada vez mais a propaganda e a influência da bossa nova na cultura brasileira, quando junto a Vinícius de Moraes compõe “Garota de Ipanema”. A música brasileira fez sucesso nos Estados Unidos e ficou muito conhecido no país ao gravar um disco com o famoso Frank Sinatra, também um dos maiores artistas que representam a música nacional norte-americana (COLLURA, p. 2).

Essa época é muito bem representada pela sociedade moderna que passava por uma série de mudanças em seus costumes e hábitos, e um período de euforia na vida brasileira com o acelerado desenvolvimento de indústrias, rápido crescimento das cidades e a consolidação da sociedade urbana. Com isso, os meios de comunicação também se expandiam, o que aumentou a oferta de informação e entretenimento, como a televisão e lojas de discos.

Os grandes fenômenos dos anos 1950, traziam o *jazz* de Frank Sinatra. Essa nova produção, mais sofisticada trazia uma sensibilidade nascente na sociedade brasileira a partir deste estilo de produção cultural. Era necessário que um novo estilo ou adaptação fosse feita para o novo público, os jovens da classe média que tinham grande poder aquisitivo. Este molde requintado seria um ponto a favor do movimento para atingir também o público da elite.

Assim, o samba era considerado um estilo um tanto deselegante e não atraía o público que saía das classes mais baixas querendo se inserir em um patamar

social mais elevado. Por isso, a bossa nova encaixa todas as questões em um estilo. Moderno e original.

De acordo com Silva:

A Bossa Nova de Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes, vai responder a esses anseios – assim como a arquitetura de Niemeyer, os jardins de Burle Marx e o movimento concretista nas artes plásticas. Ela está intimamente conectada às mudanças do período e traz, como fundamento, a utopia de um país que finalmente se sentia relevante, por oferecer ao mundo não apenas uma imagem sedutora por seu exotismo, mas um projeto autêntico de modernidade. Combater as “exorbitâncias” passionais opondo-lhe a racionalidade, pureza e economia de formas – eis o novo repertório da música brasileira que teria suas diretrizes desenvolvidas, sobretudo, por Tom Jobim. O reinado do samba-canção estava desgastado. As convenções do gênero, copiosamente reproduzidas, embotavam a singularidade de cada música. Como se a receita tivesse se tornado tão óbvia que, já nos primeiros acordes, fosse possível adivinhar todo o percurso emocional da música, como num filme no qual as primeiras cenas já denunciam o final. A Bossa Nova não é apenas a expressão de mudanças sociais que começam a colocar em xeque antigos valores. Ela é um “gesto” que visa, antes de tudo, recuperar a potência estética da canção brasileira – sua primazia como local onde a cultura pode se conhecer a si mesma (SILVA, p. 3).

O desenvolvimento harmônico trazido por Jobim na inovação da música era uma grande novidade, recheadas de forma intensa com melodia suave. Assim, permitiu que estes novos caminhos musicais tivessem qualidade expressiva realizado pelos autores de samba-canção sem perder o efeito emocional. A bossa nova inventava-se com a colocação rítmica na parceria com João Gilberto, até a harmonia suave de “Garota de Ipanema” com Vinícius de Moraes.

Tom Jobim tinha conquistado então um público culturalmente requintado conforme ganhava espaço dentro da música popular brasileira. Com isso, Vinícius de Moraes, insatisfeito com sua vida diplomática, percebeu que toda a política era uma repetição e ao iniciar sua carreira artística ao lado de um músico tão reconhecido na época como Tom, parecia ser uma ótima oportunidade. E foi.

A peça Orfeu estreou em setembro de 1956 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e todas as atenções estavam voltadas a esta parceria. A mídia levaria a estreia através de jornais e entrevistas, assim o público carioca pode acompanhar o trabalho dos dois artistas que mudaram o conceito de música popular brasileira e arte, já que a partir desta peça de teatro a Bossa Nova foi inserida na história brasileira com mais vigor.

Ainda que algumas críticas em relação à peça tenham tido fortes argumentos em relação ao estilo norte-americano instalado ou à cultura dos morros e favelas cariocas, referentes à cultura pobre e de baixo calão, a peça foi um marco na cultura carioca e, posteriormente, ao redor do Brasil e no mundo. Anos mais tarde, na década de 1960, percebeu-se que a peça de teatro que contava com uma personagem mítica e trazida à realidade buscou quebrar alguns tabus na cultura e na sociedade. De certa forma, a peça de Vinícius juntamente aos grandes artistas da época envolvidos, deu uma nova dimensão internacional da cultura brasileira para o mundo (DANTAS).

A peça contou com diversos profissionais da época, Oscar Niemeyer, por exemplo, participou na elaboração e montagem do cenário. Entre as idas e vindas de Vinícius a Paris, ele conseguiu ter contato com inúmeras pessoas influentes da época para que a peça tivesse, antes de tudo, um aspecto profissional e que fosse levado a sério. Em *Orfeu*, foi a primeira vez que artistas, atores negros, pisaram no palco do Teatro Municipal. Foi uma verdadeira revolução com o apoio e participação dos grandes nomes da época.

Neste cenário social da época, é possível perceber que Tom Jobim buscava a modernização e atualização da música a partir de novos sons introduzidos na indústria musical ao mesmo tempo que havia uma força contrária, que puxava seus pensamentos ao que seria comercializado, ou o que venderia ao público carioca, primordialmente.

As influências externas estariam comprometendo a evolução musical? Para Jobim esse foi o desafio. Ele buscou conciliar as questões políticas com as questões da modernização da cultura e da sociedade, já que este momento de transição na política também afetava as condições culturais, econômicas e sociais.

De acordo com Poletto (2004), Tom Jobim buscava propor uma articulação entre presente e passado em favor de uma transformação musical genérica, de tal maneira que fosse além de uma posição política, querendo evitar qualquer desgaste ou conflito com outros artistas. E completa:

Esta postura denota talvez a opção musical perseguida em *Orfeu da Conceição*, perceptível na tentativa de combinar elementos identificados com o “antigo” e com o “moderno”, ou ainda na *Sinfonia do Rio de Janeiro (...)* a ligação de Jobim com a tradição do samba, suas leituras da música

americana, ao mesmo tempo em que suas obras do período revelavam um tipo de incorporação de elementos do bolero, além de um desejo ainda difuso em “parecer moderno” e a atuação junto ao mercado musical, colaboram sem dúvida para a formação de um repertório onde variadas propostas se misturam (POLETTO, 2004, p. 80).

Portanto, a partir disso, Jobim consegue compor a peça utilizando ambas influências, a já existente em território carioca e a externa, norte-americana. A tradição do samba fundida ao *jazz* estadunidense transformou a música brasileira, o que veio a se chamar bossa nova. Com esse choque de estilos foi possível juntar as influências tradicionais às modernas de maneira que representasse o Brasil a partir desses novos projetos que iniciaram a transformação da cultura. Isso permitiu que nossa música popular se auto propagasse ao redor do mundo cultural.

A partir disso, Collura (p.1) observa as tendências musicais e algumas figuras principais que trabalhavam há uns anos para chegar no movimento da Bossa Nova, buscando atingir sua definitiva cristalização popular. E de fato, o Rio de Janeiro dos anos de 1950, foi um cenário propício para que o fenômeno musical acontecesse devido às situações, os lugares inspiradores e as personagens que compunham e definiram a Bossa Nova.

Não somente com estilo e batucada se preocupava Tom Jobim. Para ele a busca por novos timbres de voz também estavam inseridos na mutação musical. Renovar era a busca pela inovação da indústria musical da época era necessária que Jobim considerava algumas das características populares um tanto ultrapassadas. No ano de 1958, Tom Jobim já contava com 85 gravações de músicas de sua autoria, seu nome já era um sucesso o que garantia e dava forças ao movimento.

O ano de 1958 foi também marcado pelo pedido do então presidente Juscelino Kubitschek para que Vinícius de Moraes e Tom Jobim compusessem de forma poética a construção de Brasília, exaltando seus cinco atos na história da nova capital. Assim, a música *Sinfonia da Alvorada* foi outro marco da parceria dos grandes compositores. A inserção dos ícones modernos da música, arquitetura e política que entre eles, sua junção, caracterizavam o momento da modernidade personificada de Brasília, do próprio presidente e da Bossa Nova, sendo um

marketing do governo. Como, por exemplo, este trecho: “*Do novo teto do mundo, do planalto iluminado*”.

Com essa propaganda, Vinícius também declara em um texto para a capa do disco que demonstra o apoio e confiança às mudanças ocorrentes, e de sua satisfação em participar de algo tão grandioso (a construção de Brasília), da amizade com o presidente Kubitschek e com o arquiteto Niemeyer. Oscar Niemeyer também participou deste marketing com a elaboração da capa do disco, onde aparecem alguns de seus projetos realizados em Brasília como o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto (ECHEVERRIA, 2013).

O LP contém músicas que narram o contexto histórico, social e político da época. As músicas relatam a localização e os aspectos geográficos de onde seria construída Brasília, um lugar de grandes possibilidades. Elaborada em *Planalto Deserto*, música que fala sobre as belezas inóspitas do planalto. E em *O Homem*, analogia a Juscelino Kubitschek, presidente, que teria tido a visão de transformar um deserto em uma grande cidade, que faria nascer uma cidade moderna através de seu planejamento e impecável arquitetura.

A *Chegada dos Candangos* refere-se à vinda dos trabalhadores, das pessoas que chegam ao planalto em busca de uma vida melhor e emprego, tomados pela esperança, em busca de um sonho que a capital oferecia. Homens que deixaram para trás suas famílias, mulheres e filhos, para ajudar a construir essa nova nação promovida por Brasília.

Outra música foi *O trabalho e a construção* que descreve o emergir de Brasília. O contraste desde o nada até a conclusão da cidade. Os trabalhadores junto às construções nobres e modernas. As cores do planalto, da terra junto aos materiais brancos e inovadores. A mão-de-obra é parte fundamental, o trabalho e a confiança depositada no projeto do presidente pelos trabalhadores é pautada o que diz que eles fazem também parte deste novo Brasil que nasce, que “a sorte está lançada e a ação é irreversível” como diz na música. A partir disso o progresso era concretizado.

Por último, o *Coral* era o chamado do Brasil, do povo brasileiro por Brasília. O sonho da nova capital havia sido concretizado com a conclusão das obras. Dessa forma:

A construção de Brasília proporcionou o encontro entre o movimento musical e o projeto político de JK, onde em busca do desenvolvimento se via uma nova leitura da urbanidade e da modernidade. A arquitetura da nova capital, elaborada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, tinha a intenção de surpreender pela leveza e criatividade, traduzindo, através de suas formas, os interesses e perspectivas da classe média, que buscava uma nova concepção de vida. Entretanto, a *Sinfonia da Alvorada* não foi um marco para a Bossa Nova, pelo menos no quesito musical propriamente dito, que envolve ritmo, melodia e harmonia. Como já colocado, duas músicas disputam a incumbência de ser o marco inicial da Bossa Nova (VIDAL, 2008, p. 23).

Tom Jobim e Vinícius de Moraes conseguiram elaborar músicas que citassem cada etapa e grandes acontecimentos ao decorrer deste processo, que foi a construção de Brasília, a busca pela modernização do país e o avanço. Eles também defendiam isso na música, era totalmente plausível que eles também colaborassem para que suas ideias fossem defendidas em todos os campos. O apoio de ideia entre os envolvidos como Kubitschek, Niemeyer e ambos músicos, Jobim e Moraes, tentavam reestruturar o país a partir do novo, do moderno.

A imagem contemporânea com ênfase na modernização de todo o Brasil há mais de cinquenta anos, veio com a construção de Brasília e as fortes revoluções artísticas ocorrentes no Rio de Janeiro realizadas durante o forte nacionalismo no setor público e privado que impactou o país dali em diante. Percebemos seus resultados hoje em dia, mas na época da inauguração da nova capital e outros movimentos políticos e sociais da época impediam que as pessoas percebessem os impactos que estes movimentos estavam causando no país e que deixariam suas marcas para os séculos seguintes.

A história de Brasília funde-se às raízes culturais brasileiras mais importantes como a música, previamente analisada. Suas histórias tornam-se um tema central uma da outra neste período que a arquitetura de Niemeyer encontra-se com a Bossa Nova de Tom e Vinícius. Isso gerou combustível para mútua colaboração. A Bossa Nova celebrava Brasília, assim como Brasília abriu suas portas à Bossa Nova.

Percebe-se a partir disso grande efeito da busca pela nacionalidade e personalidade da cultura e sociedade brasileira a partir da Bossa Nova e como impactou a sociedade e a cultura em si. Os movimentos nacionalistas trouxeram à tona novos artistas com influências nacionais e internacionais, que acabaram por deixar sua marca pela cultura brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou estabelecer as características históricas do Brasil na época no que relacionou a política, a economia, a sociedade, a cultura, e os próprios movimentos em cada um destes temas. As questões nacionalistas da época fizeram com que as políticas públicas internas ou externas influenciassem as questões culturais na metade do século XX.

O Brasil encontra-se em uma época na qual sua identidade e verdadeiros interesses são colocados em questão. A partir disso, a política internacional torna-se mais importante para as questões nacionais com a percepção do imperialismo norte-americano sobre os Estados Latinos, e a insatisfação brasileira com tais impactos internos.

A diplomacia cultural, portanto, tornou-se fundamental para que os Estados Unidos ainda tivessem algum controle sobre os gostos e desgostos brasileiros sobre a política e dependência em relação ao governo estadunidense. O processo resultou no protagonismo da diplomacia cultura norte-americana na América Latina com suas produções culturais.

A presença de diversas personagens em seus desenhos animados, a chegada de grandes artistas brasileiros em território norte-americano foram frutos da Política da Boa Vizinhança promovida pelo governo dos Estados Unidos a fim de obter melhores resultados de parcerias governamentais com os países através da cultura.

A transformação dos meios de comunicação como televisão, jornais, rádios, etc. foi elementar para o avanço de medidas públicas relacionadas à cultura, como o caso estudado. A modernização da sociedade deu-se também através da modernização industrial.

Foi possível analisar também as questões teóricas que caracterizam as medidas políticas das relações exteriores do Brasil com os Estados Unidos, que explicam a posição de ambos os Estados e como as políticas eram traçadas. A representatividade das relações culturais é impactante nas relações internacionais, já que existem interesses que movem a cultura para que funcione de acordo com as intenções governamentais. Nesta época, buscava-se a liberdade dos países latinos

em relação aos europeus, a ideia de que as Américas pudessem decidir seus próprios rumos fez com que os Estados Unidos impusessem seus valores e cultura para seus vizinhos.

A partir disso, a contracultura, o movimento contra o imperialismo moral e cultural norte-americano, se tornam a base da política interna do Brasil. A cultura brasileira buscava por uma identidade que guiasse o rumo de suas políticas; com isso, a nacionalização teve mais presença neste movimento desenvolvimentista nacional a partir da necessidade da própria população sobre seus recursos e políticas.

Uma nova onda de pensamento fez com que o Brasil se reformulasse. Essa época foi extremamente importante para o país, já que a partir disso inicia seu processo de descobrimento próprio, sobre sua identidade nacional. Mesmo que suas influências tivessem origens estrangeiras vindas da África, da Europa ou da própria América, essa se tornava a personalidade brasileira. A mistura bem elaborada e livre trouxe inovações na cultura brasileira dando início a uma nova fase.

Os movimentos nacionalistas em geral contribuíram para que a cultura brasileira tivesse sua ascensão nacional e internacional. É importante notar que este movimento nacionalista representou mudanças em todo o cenário brasileiro, principalmente nas artes. A música e a arquitetura abordadas da nova onda moderna brasileira foram extremamente importantes para a estrutura nacional como a ascensão internacional da arte brasileira.

Graças à parceria de Tom Jobim e Vinícius de Moraes foi capaz de criar a identidade da nova música moderna brasileira: a Bossa Nova. Este estilo musical foi um sucesso nacional e internacional assim que consolidado como estilo brasileiro. O estilo musical teve apoio de Oscar Niemeyer e do presidente Juscelino Kubitschek.

Estas grandes figuras abordadas no trabalho foram fundamentais para que a cultura brasileira fosse inaugurada internacionalmente. Isso mostrou que o Brasil tinha capacidade de inovação, que seu nacionalismo e representatividade estavam presentes na nação, o que garante maior estabilidade e confiabilidade no país.

A inovação artística era o avanço nacionalista presente na música, teatro, arquitetura, entre outros, resultados de uma carência existente décadas antes e que havia sanado as preocupações de identidade e cultura. Mesmo com os impasses

devido ao anti-imperialismo dos Estados Unidos o Brasil conseguiu se impor como cultura e presença nacional ao invés de deixar que a cultura externa engolisse a produção e inovação brasileira.

A resiliência cultural brasileira da primeira metade do século XX para sua segunda metade em relação à representatividade e ascensão demonstrou grande capacidade de inovação, possibilitando que o Brasil tivesse propaganda naquela época que perduram até os dias atuais. Essa época, a construção de Brasília e a Bossa Nova são assuntos que não faltam nos assuntos relacionados à identidade brasileira desde aquela época em diante. Sempre que se fala no Brasil é impossível não citar os grandes poetas, que compuseram uma das canções mais conhecidas no mundo, Tom e Vinícius.

Dessa forma, foi possível afirmar que a cultura brasileira teve seu futuro traçado para uma boa promoção nacional e internacional, sem sinais de que perecerá com o tempo. As novas linguagens artísticas da época se tornaram formas e características tipicamente brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Pedro. **Antônio Carlos Jobim e seus antepassados**. Usina de Letras - Ensaios. 2006. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=6801&cat=Ensaios>>.

Acesso em: 10 out. 2016.

ANSCHAU, Ana. **Uma análise da diplomacia cultural na política externa brasileira (2003-2010)**. Disponível em: <http://www.nucleoprisma.org/wp-content/uploads/2016/03/ANSCHAU_2015.pdf>

Acesso em: 23 set. 2016.

ARAÚJO, Maria Celina D. **Um panorama da política de desenvolvimento de Vargas**. Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/PoliticaDesenvolvimento>> Acesso em: 1 nov. 2016.

ARIMA, Kátia. **Conheça as grandes obras de Oscar Niemeyer no Brasil e no Mundo**. Revista Viagem. Disponível em:

<<http://viajeaquil.abril.com.br/materias/oscar-niemeyer-arquitetura#1>>. Acesso em: 19 out. 2016.

BENEVIDES, Maria Vitória de M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOJUNGA, Claudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORGES, Adriana. **Vinícius de Moraes: músico e poeta**. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Adriana_Borges.pdf>.

Acesso em: 21 out. 2016.

BRAMBILA, Cristianny; GARCIA, Agnaldo. **Vinicius de Moraes, Parceiros e Amigos: Relações entre Amizade e Música**. Revista Interinstitucional de Psicologia. Número 2. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v2n2/v2n2a03.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado. **História da Política Externa do Brasil**. 2011. Editora UnB. 4ª edição.

BUONICORE, Augusto. **Centro Popular de Cultura da UNE: crítica a uma crítica.** Portal Vermelho. Cultura. 2015. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/256826-11>>. Acesso em: 4 out. 2016.

BUZZAR, Miguel. **Arquitetura Moderna Brasileira como Representação: o caso da FAUUSP.** Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Miguel%20Buzzar.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2016.

CAPPELLO, Maria; LEITE, Lucy. **Oscar Niemeyer pelo complexo arquitetônico de Pampulha - Uma análise à sua recepção na imprensa nacional e internacional.** Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/12231/7866>>. Acesso em: 5 out. 2016.

CERVO, Amado L. **A Periodização da História da Política Externa Brasileira.** Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10064/1/ARTIGO_PeriodizacaoHistoriaPolitica.pdf> Acesso em: 24 set. 2016.

COHEN, Marleine. **Juscelino Kubitschek: o presidente Bossa Nova.** Rio de Janeiro: Globo, 2005.

COLLURA, Turi. **A estética musical da Bossa Nova.** Disponível em: <http://www.pianobossanova.com/ckeditor/kcfinder/upload/files/Turi%20Collura_Estetica%20da%20bossa%20nova.pdf>. Acesso em: 3 out. 2016.

CONTIER, Arnaldo D. **Bossa Nova: Música e Contexto Sócio-Cultural.** Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/Bossa_Nova_Musica_e_Contexto_SocioCultural.pdf> Acesso em: 5 nov. 2016.

DANTAS, Tiago. **Bossa Nova.** Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/artes/bossa-nova.htm>>. Acesso em: 16 out. 2016.

DIAS, Caio. **Tom Jobim: trajetória, carreira e mediação sócio-culturais.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp123770.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

DUMONT, Juliette; FLÉCHET, Anaïs. **"Pelo que é nosso!": a diplomacia cultural brasileira no século XX.** Disponível em:

<https://www.academia.edu/9100410/Pelo_que_é_nosso_A_diplomacia_cultural_brasileira_no_século_XX>. Acesso em: 2 out. 2016.

ECHEVERRIA, Regina. **Vida e obra de Oscar Niemeyer**. Aventuras na História, 2013. Disponível em:

<guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vida-obra-oscar-niemeyer-757360.shtml> Acesso em: 5 nov. 2016.

FARES, Seme. **Antiamericanismo e política externa: o caso do Brasil sob o paradigma desenvolvimentista**. 3º Encontro Nacional ABRI, 2011. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300045&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 out. 2016.

FÉLIX, Paula. **Política Cultural**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>> Acesso em: 28 set. 2016.

FILHO, Hermógenes Saviani. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. Economia e Sociedade. Volume 22, número 3. Campinas, dezembro 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182013000300010>. Acesso em: 30 out. 2016.

FONSECA, Marcelo. **Poeta diplomata, Vinicius de Moraes completaria 100 anos**. Jornal Estado de Minas. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/10/19/interna_politica,461501/poeta-diplomata-vinicius-de-moraes-completaria-100-anos.shtml>. Acesso em: 20 out. 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Tio Sam chega ao Brasil**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/TioSam>>. Acesso em: 30 set. 2016.

GABLER, Neal. **Walt Disney**. Disponível em: <<http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=137982262#excerpt>>. Acesso em: 29 set. 2016.

GARCIA, Miliandre. **A questão da cultura popular: as políticas culturais do centro popular de cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE)**. Revista Brasileira de História. Volume 24, número 47. São Paulo, 2004. Disponível

em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100006

>. Acesso em: 5 out. 2016

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **O nacional-desenvolvimentismo**. Dia a Dia educação. Disponível em:

<<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=229>>

. Acesso em: 1 out. 2016.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Zé Carioca**. Disponível em:

<[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-\(jose-carioca\)/3191](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-(jose-carioca)/3191)>.

Acesso em: 7 out. 2016.

JUNIOR, Arnaldo N. **Vinícius de Moraes**. Projeto Releituras. Disponível em:

<www.releituras.com/viniciusm_bio.asp> Acesso em: 9 nov. 2016.

LIMA, Amanda. **"Saludos Amigos": Uma análise sobre a política da "Boa Vizinhança", através dos filmes da Disney**. Disponível em:

<https://www.academia.edu/4166223/_Saludos_Amigos_Uma_análise_sobre_a_pol%C3%ADtica_da_Boa_Vizinhan%C3%A7a_atr%C3%A1ves_dos_filmes_da_Disney>. Acesso em: 29

set. 2016.

MACHADO, Gabriel Luiz. **A Difusão Cultural Brasileira como Instrumento de Política Externa: Estratégias Contemporâneas**. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71683/000879328.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1 out. 2016.

MARTINI, Renato. **Os intelectuais do ISEB, cultura e educação nos anos cinquenta e sessenta**. Aurora, ano III, número 5. Dez. 2009. Disponível em:

<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/MARTINI.pdf>>.

Acesso em: 5 out. 2016.

MEMORIAL JK. **1956 - Empossado na Presidência da República**. Disponível em:

<<http://www.memorialjk.com.br/pt/?p=337>>. Acesso em: 29 out. 2016.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

RIBEIRO, Edgar. **Diplomacia Cultural: Seu papel da política externa brasileira**.

Disponível

em:

<http://funag.gov.br/loja/download/824-Diplomacia_Cultural_-_Seu_papel_na_Politica_Externa_Brasileira_2011.pdf> Acesso em: 23 set. 2016.

RIBEIRO, Paulo. **Transformações socioeconômicas no Brasil da década de 50.** Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm>>. Acesso em: 8 out. 2016.

OLIVEIRA, Márcio. **O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a08v21n2.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2016.

PACIEVITCH, Thais. **Construção de Brasília.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/construcao-de-brasilia/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PEREIRA, Alexsandro. **O ISEB na perspectiva de seu tempo: intelectuais, política e cultura no Brasil - 1952-1964.** Disponível em: <https://www.academia.edu/872335/O_ISEB_na_perspectiva_de_seu_tempo_intelectuais_pol%C3%ADtica_e_cultura_no_Brasil-1952-1964>. Acesso em: 5 nov. 2015.

PEREIRA, Paulo. **A Política Externa da Primeira República e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washigton (1905-1910).** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v48n2/a06v48n2.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PITOL, Fábio. **O governo de Getúlio Vargas, o nacional-desenvolvimentismo e a industrialização.** Disponível em: <<https://perspectivaonline.com.br/2008/05/09/o-governo-de-getulio-vargas-o-nacional-desenvolvimentismo-e-a-industrializacao/>>. Acesso em: 11 out. 2016.

POLETTI, Fábio. Tom Jobim e a Modernidade Musical Brasileira 1953-1958. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.meloteca.com/teses/fabio-poletto_tom-jobim-e-a-modernidade-musical-brasileira.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

RODRIGUES, Fernando. Brasília 52, parte 1: justificativas para construção da capital. **Noticiário UOL.** Disponível em: <<http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2012/04/21/brasilia-52-parte-1-justificativas-para-construcao-da-capital/>>. Acesso em: 17 out. 2016.

RODRIGUES, Lika. **Miranda: O que é que essa baiana tem?** Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/carmen-miranda-essa-baiana-tem-748960.shtml>> Acesso em 28, set. 2016.

ROSÁRIO, Miguel. **A importância da cultura para a política externa brasileira.** Disponível em: <<http://www.ocafezinho.com/2013/12/22/a-importancia-da-cultura-para-a-politica-externa-brasileira/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

SATO, Adriana. SILVA, Edson. JESUS, João. FILHO, Milton. **Bossa Nova: música e contexto sócio-cultural.** 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/Bossa_Nova_Musica_e_Contexto_SocioCultural.pdf>. Acesso em 16 out. 2016.

SCHAAKE, Marietje. **Diplomacia cultural: promover a cultura e os valores europeus no mundo.** Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/news/pt/news-room/20101203STO05908/diplomacia-cultural-promover-a-cultura-e-os-valores-europeus-no-mundo>>. Acesso em: 20 out. 2016.

SILVA, Alexandra M. **A Política Externa de JK: Operação Pan-Americana.** Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

SILVA, Guilherme. LIMA, Jonatas. **A Política de Boa Vizinhança e a influência cultural estadunidense na América Latina.** Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/politicadeboavizinhanca.pdf>> Acesso em: 29 set. 2016.

SILVA, Paulo. **Canção do amor de menos. Sentimento e sensação na música de Tom Jobim.** Núcleo de Estudos em Literatura e Música. Ensaios e Artigos. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/NELIM/ensaios_artigos/paulo_cancaodoamorde menos.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

SILVA, Ricardo. **Planejamento Econômico e Crise Política: do esgotamento do Plano de Desenvolvimento ao malogro dos programas de estabilização.** Revista de Sociologia Política nº 14: 77-101. Junho 2000. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a05n14.pdf> Acesso em: 1 nov. 2016.

SUA PESQUISA. **Bossa Nova.** Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/bossa_nova.htm>. Acesso em 15 out. 2016.

SOUZA, Rainer. **Bossa Nova.** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/bossa-nova.htm>>. Acesso em: 13 out. 2016.

TOCCATA CORAL. **História da MPB e da Bossa Nova.** Curiosidades sobre música. 2013. Disponível em: <<http://coraltoccata.com.br/historia-da-mpb-e-da-bossa-nova/>>. Acesso em: 11 out. 2016.

VAZ, Taciana A. **O Olhar do Arquiteto sob Brasília.** Repositório Institucional da Unb. Universidade de Brasília, 2012.

VIAJANDO PARA ORLANDO. **Walter Elias Disney - Biografia.** Disponível em: <<http://www.viajandoparaorlando.com/parques/disney/waltereliasdisney.php>>. Acesso em: 29 set, 2016.

VIDAL, Erick. **As capas da Bossa Nova: encontros e desencontros dessa história visual (LPs da Elenco, 1963).** Universidade Federal de Juíz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Erick-Vidal1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

VILLAMÉA, LUIZA. **Os três pais de Brasília.** Disponível em: <istoe.com.br/66012_OS+TRES+PAIS+DE+BRASILIA/>. Acesso em: 1 nov. 2016.

WILLIAM, Fábio. **O que Tom Jobim e Vinícius de Moraes têm a ver com Brasília?** Jornal da Globo, edição 19 abr. 2010. Brasília, DF. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/04/o-que-tom-jobim-e-vinicius-de-moraes-tem-ver-com-brasil-ia.htm>>. Acesso em: 23 out. 2016.